

ADRIANA CARRANCA

# MALALA,

a menina que queria ir para a escola

Ilustrações  
Bruna Assis Brasil



Companhia das Letrinhas

ADRIANA CARRANCA

# MALALA,

a menina que queria ir para a escola

Ilustrações  
Bruna Assis Brasil





A todas as crianças que gostam — ou ainda  
aprenderão a gostar — da escola.



## ❧ PREFÁCIO ❧

Tudo o que eu vou contar aqui aconteceu de verdade. É incrível que tenha sido assim, mas foi. Eu sei porque eu estive lá. Atravessei meio mundo com uma missão: descobrir o que aconteceu de verdade com uma menina chamada Malala Yousafzai e por que ela estava sendo perseguida. Eu recebi essa missão porque é isso que os jornalistas fazem: investigam e bisbilhotam tudo, plantam perguntas e colhem histórias.

Era uma missão perigosa e eu sabia que teria de enfrentar grandes desafios. No dia da minha partida, ouvi pelo rádio uma ordem: que os jornalistas não viajassem ao Swat! O vale tinha se tornado um território proibido, mas, assim como as crianças, os jornalistas adoram fazer tudo o que é proibido. Então, arrumei a mochila às pressas, coloquei minha lanterna a manivela, o mosquiteiro, o gás de pimenta e o que mais cabia dentro dela, e parti. Atravessei o Atlântico e a África até o deserto, cruzei o mar Arábico e segui em direção às montanhas, onde Malala vivia.

Quando cheguei ao meu destino, eu tive de me disfarçar, porque os perigos ainda assombravam o vale e ninguém podia saber que eu estava lá. Só o Ejaz, meu guia e protetor, um homem grandalhão, tão forte quanto bondoso, e com voz de trovão; e a família de Sana, muito generosa e corajosa, que aceitou me esconder em sua casa para que eu pudesse conhecer essa história, tão aterrorizante quanto cativante, que vou contar agora.



# 1.

Malala era uma menina que queria ir para a escola. Mas, no lugar onde vivia, isso era proibido. Livro, só escondido. No caminho para a escola havia muitos perigos. Riscos inimagináveis, de morte até.

Esse lugar se chama vale do Swat.

O vale do Swat fica num país distante chamado Paquistão. Tem campos verdejantes, cercados por montanhas gigantes, que a neve pinta de branco quase o ano inteiro. No verão, quando o sol aquece os picos, a neve derrete e se junta ao rio Swat, que desce serpenteando a serra até o encontro do rio Cabul, este vindo do país vizinho, o Afeganistão. Ali, entre a magnífica cordilheira de Hindu Kush e as águas cristalinas dos rios, com um pé no Paquistão e outro no Afeganistão, vivem há mais de 2 mil anos os pashtuns, como Malala.

São tão belas e férteis suas terras, que poderosos imperadores tentaram conquistá-las. Até Alexandre, o Grande — o maior deles. O rei dos reis viajou ao vale do Swat no ano 328 a.C., desafiou deuses que se acreditava protegerem o vale, cruzou rios apinhados de gaviais, venceu os montes, lutou batalhas atroz. Mas, ao enfrentar os bravos pashtuns, acabou ferido, e por isso admitiu não ser um deus imortal, mas um homem comum. Seus escritos não sobreviveram intactos ao tempo, mas persistem nas lendas do Swat.

Pashtun: Etnia de um povo guerreiro que vive ao longo da Hindu Kush, entre o Afeganistão central e o norte do Paquistão. Sua origem é incerta. Uns acreditam tratar-se de uma das dez tribos perdidas de Israel, embora não haja provas históricas sobre isso. Outros dizem que eles vêm da mistura dos povos arianos e de invasores. Eram chamados de “povos das montanhas”.



Alexandre teria dito que os pashtuns eram tão ferozes quanto os leões. “Estou envolvido na terra de um povo leonino e valente, onde cada pé do chão é como uma parede de aço, confrontando meus soldados. [...] Todos nesta terra podem ser chamados de Alexandre.”

Gengis Khan, fundador do maior império da história, atravessou essas terras no ano de 1200 com seus cavalos de guerra e arqueiros tão hábeis que eram capazes de acertar o alvo com suas flechas a mais de quinhentos metros de distância. Deixou como herança o *buzkashi*, um jogo bélico em que cavaleiros disputam uma cabra sem cabeça. Sem cabeça! Era assim que ele treinava seus guerreiros nas montanhas, e os pashtuns aprenderam com eles.

Outros conquistadores vieram. Mas os pashtuns nunca se deixaram dominar porque são um povo muito bravo e valente; o mais bravo e valente de todos os povos bravos e valentes.

Foi assim que o filósofo grego Heródoto, o pai da História, descreveu os indianos que viviam por volta de 430 a.C. em um lugar chamado “paktuike”, onde fica hoje o vale do Swat: um lugar habitado por formigas gigantes que garimpavam ouro no deserto, por camelos que corriam como cavalos e pelo povo “mais guerreiro de todos”.

Foi deles que as meninas do Swat herdaram sua coragem.

Gavial: Grande crocodilo que habita o rio Ganges e chega a ultrapassar cinco metros de comprimento.

Rio Ganges: É um dos principais rios do subcontinente indiano e um dos vinte maiores do mundo. Com 2.525 quilômetros, percorre do norte da Índia a Bangladesh (antes parte do Paquistão). É considerado sagrado para os seguidores da religião hindu, que são maioria na Índia.

Indianos: Habitantes da Índia, país do qual o território onde fica o Paquistão fez parte até a sua independência, em 1947.



## 2.

Num passado não muito distante, o Swat foi habitado por príncipes e princesas, reis e rainhas, como nos vales encantados dos contos de fadas, só que de verdade.

Eu acho curioso que ainda existam reis e rainhas, príncipes e princesas de verdade. Então, quando cheguei ao Paquistão, a primeira coisa que fiz foi visitar o príncipe do Swat.

Seu nome é Miangul Adnan Aurangzeb, mas agora ele é um ex-príncipe, usa terno e gravata e mora em uma casa, porque já não tem um castelo. É uma casa pequena para um príncipe. Mas se as paredes encolheram, ainda guardam seus encantos nas relíquias dos tempos em que o vale do Swat era um reino grandioso. Enquanto tomávamos chá, em xícaras de ouro e porcelana, ele me mostrou fotos de sua infância e foi como se fizéssemos uma viagem no tempo.

Em uma delas está o avô materno, o general Ayub Khan, que foi presidente do Paquistão após tomar o poder em um golpe. Era um general poderoso, ele. A seu lado chama a atenção uma moça elegante, de penteado preciso — bem se vê que são fotos antigas, porque no Swat as mulheres já não podem exibir o cabelo. Em outra foto, a mesma moça cumprimenta as alunas de uma escola, quando as meninas ainda podiam estudar com segurança. A moça é a filha do general e mãe do príncipe Adnan, Nasim. Nasim se casou com Miangul Aurangzeb, o último sucessor coroado do Swat, pai de Adnan. O menino mirrado e de calças curtas na foto é ele, sem o farto bigode de agora, mas com o mesmo corte de cabelo, milimetricamente dividido e ajeitado com gel. A menina de vestido rodado, que aparece na fotografia brincando com ele, era a melhor amiga de infância do príncipe, Benazir Bhutto. Você já ouviu falar dela? Quando cresceu,

Benazir se tornou a primeira mulher a assumir o posto mais alto de um país muçulmano, o de primeira-ministra do Paquistão. Mas os mesmos homens que perseguiram Malala tampouco a deixavam em paz, até que um dia ela não conseguiu mais escapar das garras deles. Benazir Bhutto morreu em um atentado a bomba.

Mergulhado nas recordações, Adnan passa os dedos delicados (porque os príncipes têm dedos muito delicados e unhas feitas) sobre uma foto do bisavô paterno, como se quisesse lhe fazer um carinho. O príncipe tem muita saudade desse bisavô. Seu nome era Miangul Golshahzada Abdul-Wadud, o wali do Swat. Um wali de verdade!

O wali do Swat tinha um exército só dele, mas não lhe servia de nada, porque no seu tempo aquele era um vale de paz, e ele, um rei benevolente e pacífico — ou, pelo menos, é assim que os moradores do Swat guardam a memória dele.

Wali: Líder do principado, equivalente a um rei.

Taj Mahal: Construído entre 1632 e 1653 às margens do rio Yamuna, em Agra, na Índia, é considerado uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno e Patrimônio da Humanidade pela Unesco. É um suntuoso monumento de mármore branco que o imperador Shah Jahan mandou construir em memória de sua esposa favorita, Aryumand Banu Begam, a quem chamava de Mumtaz Mahal (Joia do Palácio). Ela morreu após dar à luz o 14º filho do imperador e o Taj Mahal foi erguido sobre seu túmulo, para homenageá-la. Por isso, é também conhecido como a maior prova de amor do mundo.

Em uma fotografia, o wali do Swat aparece no dia em que foi coroado. Em outra, com seus soldados em uma expedição. Usava meias até os joelhos, calças curtas e óculos com lentes de fundo de garrafa. Parecia um menino grande vestindo roupas de criança, um Pequeno Príncipe de barba branca. Não queria, porém, viajar pelo mundo, mas levar o mundo até o Swat. Era esse o seu sonho.

Um dia, a rainha Elizabeth II, do Reino Unido, visitou o vale. Encantou-se com o Palácio Branco, a residência de verão do wali. O castelo tem esse nome porque é todo de mármore, a mesma pedra usada na construção do magnífico Taj Mahal, e cercado de montanhas nevadas. Era nos jardins do Palácio Branco, onde as flores pincelam de cores a paisagem no verão, que

Malala e as amigas da escola mais gostavam de fazer piqueniques.

Contei ao príncipe que, um dia, eu também conheci a rainha Elizabeth. Foi quando eu morava na Inglaterra, onde ela vive. Estávamos em uma pequena igreja, uma capela muito antiga. Fica nos fundos do Palácio de Windsor, a residência oficial da rainha e o maior castelo do mundo ainda ocupado. O maior do mundo!

Fui lá porque uma amiga, muçulmana como Malala, nunca tinha entrado em uma igreja e estava muito curiosa, então pediu que eu a levasse. Quando eu visitei o Egito, a Dina, essa minha amiga, havia me levado para conhecer as mais belas mesquitas de sua terra, então eu retribuí a gentileza.

Igreja: Onde os cristãos rezam. Capela: Pequena igreja.

Mesquita: Onde os muçulmanos rezam.

Sinagoga: Onde os judeus rezam.

Templo budista: Onde os budistas rezam.

Qual não foi nossa surpresa quando vimos que lá estava a rainha (em pessoa!), assistindo à missa, elegante em seu *tailleur* verde-água e chapéu no mesmo tom. Na saída, eu esperava vê-la ir embora em uma carruagem, como nos desfiles da realeza, mas ao final ela entrou em seu carro, um Jaguar verde (ela deve mesmo gostar dessa cor!) e seguiu ao volante, dirigindo pelos jardins da pequena igreja até os portões de seu palácio. Antes de se despedir, aproximou-se do nosso grupo e perguntou: “Vocês são estudantes da escola de Londres?”. Nós éramos, mas não conseguimos nem falar, de tão espantadas. Então ela disse: “Muito bem! Estudem bastante, porque a educação é muito importante para meninos e meninas”.

O wali do Swat também achava a educação importante. Foi ele quem abriu as primeiras escolas para meninas no vale.

Mas isso foi antes da guerra e de as meninas serem proibidas de estudar. Para saber como tudo aconteceu, segui viagem rumo ao vale do Swat.



### 3.

A Grand Trunk Road é uma antiga rota de comércio entre emirados, reinos e impérios, por onde trafegam coloridos caminhões típicos do Paquistão. Foi construída por ordem de um pashtun: Sher Khan, o rei leão! Dizem que ele ganhou esse apelido depois de matar um leão de verdade com as próprias mãos na floresta de Bihar.

O trecho de estrada até o vale do Swat é recortado por túneis longos e escuros, que perfuram as montanhas abrindo o caminho. Curvas sinuosas comprimem-se entre o vale profundo (tão profundo quanto um abismo!) e enormes penhascos de rochas escarpadas. Dizem que nessa faixa espremida aconteceram mais batalhas que em qualquer outra parte do mundo. Os pashtuns teriam conseguido expulsar seus inimigos em todas elas. Por isso, deram a essas terras o apelido de cemitério dos impérios.

No alto das montanhas e pra lá das curvas, onde a estrada encontra a nascente do rio e o ar é mais fresco, fica a cidade onde Malala nasceu. Chama-se Mingora e é a maior do vale do Swat.

Quando nos aproximávamos da chegada, soldados nos pararam. Eles controlam a entrada e há muitos deles nas ruas, atrás de barricadas de sacos de areia, no alto de torres de vigilância e em tanques, como numa zona de guerra! Esperei em uma tenda, enquanto Ejaz mostrava ao militar a carta do comando do Exército que nos autorizava a entrar no vale. O sol forte fazia o posto parecer um acampamento beduíno no Saara.



“Siga!”, disse o soldado sisudo. Mas avisou: “Não saia da área de cerco do Exército! É muito perigoso”.

Sana nos esperava no centro da cidade, onde coloridos riquixás, carros de boi de rodas rangentes e pastores de ovelhas dividem o espaço com os carros. Ele vive em Kanju, do outro lado do rio Swat. Fica fora do cerco do Exército, onde eu não poderia ir, portanto. Mas, como eu disse antes, os jornalistas, assim como as crianças, adoram fazer o que não podem... Então, seguimos em frente.

Era fim de tarde e logo o vale foi engolido pela sombra do pico de Falaksair. Pode ser visto de qualquer ponto, tem o topo nevado o ano inteiro e 6.257 metros em direção ao céu mais azul que eu já vi!

Na beira do rio Swat, moradores aproveitavam os últimos raios de sol para coletar pedras para construir suas casas. Assim são feitas as moradias do vale, com pedras de rio equilibradas umas sobre as outras, como há milênios.

Eu observava distraída a linda paisagem ao atravessarmos a ponte, até que o carro parou. Um soldado armado lançou holofotes em minha direção, aproximando o rosto até bater com o capacete na janela. O clima havia esfriado lá fora e seu bafo quente desenhava nuvens de vapor no vidro.

Beduíno: Povo árabe que vive no deserto.

Saara: Conhecido como o Grande Deserto, com 9,4 milhões de quilômetros quadrados, quase o tamanho da China ou dos Estados Unidos. Cobre do Norte da África até o Oriente Médio. Suas dunas chegam a ter 180 metros de altura.

Riquixá: Pequeno veículo de duas ou três rodas puxado por um homem a pé ou de bicicleta, muito comum no Oriente para o transporte de pessoas.

Sentada no banco de trás, eu vestia um shalwar kameez e tinha o rosto coberto por um longo véu que deixava só meus olhos de fora. É assim que se vestem as mulheres no vale do Swat. Elas nunca mostram o rosto nas ruas, você sabia? Faz parte da cultura local. Os guardas acharam que eu era uma delas e nos deixaram seguir.

Estacionamos o carro na frente do único mercadinho com a luz acesa em todo o bairro e continuamos o caminho a pé na escuridão por estreitas

vielas, desenhadas pelos muros altíssimos das casas — um sinal da violência, eu pensei. O caminho lembrava um labirinto. Um labirinto de verdade, daqueles feitos para a gente se perder e nunca mais sair. A lua ainda não tinha nascido para ajudar a iluminar os nossos passos e seguíamos Sana pelo som da sola gasta de seus sapatos arrastando no chão de terra batida.

Vira aqui, vira ali... Não chegava nunca!

Estava tão escuro que comecei a ficar com medo...

Até que Sana parou bruscamente.

— Chegamos. É aqui.

Eu não conseguia enxergar nem mesmo o rosto dele. Quando meus olhos se acostumaram com a escuridão, a silhueta de uma ruína se desenhava devagar na penumbra.

— Esta é a minha casa. Foi bombardeada na última batalha do Swat.

Bombardeada??? Aquela era a casa onde eu ficaria hospedada!

— Por que bombardeada? — perguntei.

Shalwar kameez: Conjunto de calça e túnica bem largas e de tecido leve para espantar o calor. É a roupa típica do vale, para homens e mulheres.

— Porque meu irmão é um talibã.

— Um talib... o quê?

Eu devo ter ficado tão branca que meu rosto se iluminou no negrume da noite. Ao ver o meu espanto, Sana soltou uma ruidosa gargalhada.

— Não se preocupe, ele foi preso pelos militares. Vamos! Depois explico.

Caminhamos por mais cinquenta metros na direção de um beco sem

saída e entramos à direita por uma portinhola. Ali ficava uma hujera. Reunidos em torno de um fogareiro a gás estavam quatro homens, sentados em camas de trançado de palha, com as pernas dobradas sobre a trama como se estivessem direto no chão — um costume dos homens das tribos pashtuns. Quando nos viram aparecer na porta, eles se apressaram em esconder suas armas. Sob os cobertores de flores com que se cobriam, tinham no colo pistolas e fuzis. Eu nunca tinha visto tantas armas!

Àquela altura, eu tentava me lembrar de como tinha chegado até ali. Se tivesse seguido o exemplo de João e Maria, na história que li quando era criança, teria marcado o caminho com migalhas de pão. Assim, saberia como escapar. Mas e agora? Como poderia fugir? Para onde? Fiquei paralisada pelo medo e não consegui pensar em mais nada.

Hujera: Casa de homens usada para encontros políticos, reuniões de trabalho e pequenas celebrações, longe das mulheres, que, de acordo com o costume pashtun, nunca podem ser vistas por estranhos.



Estava tão nervosa que nem prestei muita atenção quando Sana explicou que os homens eram lashkars: moradores que haviam formado uma milícia armada para salvaguardar o vilarejo dos perigos. O chefe do grupo era o professor Hanif e ele estava marcado para morrer! Havia três meses, recebeu uma ameaça: deveria deixar o vale dentro de 24 horas. Mas, teimoso como os jornalistas, Hanif não tinha dado um passo nem pretendia deixar sua casa. No lugar disso, ficaria para defender as terras “como um pashtun legítimo”, ele me disse. Por isso, passava as noites acordado feito um zumbi.

Quieto até então, Ejaz, o motorista, tomou coragem e revelou-me que também estava armado. Trazia uma pistola escondida na meia. Na meia?! Para me proteger, disse. Acontece que eu detesto armas e briguei com ele.

— Me proteger de que perigos, exatamente? — perguntei, desafiadora e um pouco irritada.

— Dos homens das montanhas — eles responderam, enigmáticos, quase em uníssono. Mas não me deram mais nenhuma explicação, só um alerta: — Você não deve andar sozinha por aí!

A velha porta de madeira, descascada pelo tempo, estava aberta. Uma cortina de retalhos protegia as mulheres dos olhares forasteiros. No quintal de terra rachada, de tão seca, sobrevivia uma laranjeira solitária. Do outro lado, havia um cômodo da casa onde encontrei as mulheres, todas sentadas no chão, em volta de um fogaréu a lenha.

— Mashallah! — disse Razia, a mulher de Sana, quando me viu, abrindo os braços e o sorriso. É o jeito deles de dizer que sou bem-vinda!

Lashkar: Palavra de origem persa, traduzida como “militante” ou “exército”. Al-askar, em árabe, quer dizer “soldado”. Os lashkars do Swat eram camponeses que se uniram para proteger o vale.

A casa era muito simples, não havia cozinha e o banheiro era só um buraco no chão. Mas nada disso faz falta, quando somos recebidos com carinho. Eles me deram o quarto mais confortável, com um colchão sobre o

tablado e um sharai florido e quentinho. Era também o mais enfeitado, um típico betak, adornado com fitas prateadas e douradas, como os templos nos dias de festa, e onde Sana e Razia guardavam seus presentes de casamento.

Eu não podia aceitar o privilégio de ter um quarto só para mim, mas eles insistiram. A hospitalidade é uma questão de honra para os pashtuns.

Na casa, Sana e Razia vivem com o filho Yaseen, de nove anos, e as filhas Tanzeela Qasi, de quatro anos, e Aimun Mehvesh, de catorze; a cunhada do casal, Nazia, com os filhos Zahor, de doze anos, Ynayatul, de catorze, e Manzoor, de três anos, e as filhas Waresha, de dez, e Wajeeha, de oito. No vale do Swat é assim: não importa quanta gente, a família inteira mora na mesma casa e todos se ajudam.

O chefe da família é o patriarca Mohib ul-Haq, de 85 anos, pai de Sana. É um senhor franzino, com os ombros curvados pelo tempo, sorriso de poucos dentes e pele tão enrugada quanto o solo árido do quintal, que ele atravessa a passos lentos, equilibrando-se com a ajuda de um cajado. Caminha enrolado em um sharai de pontas até o chão, para se proteger do frio, usa sandálias de couro e tem a barba muito longa e branca como a neve. Ele lembra um personagem bíblico.

Sharai: Cobertor de lã tecido à mão por artesãos nos vilarejos da região, usado para proteger do frio severo das montanhas. Chega a pesar quatro quilos. É também usado pelos homens como xale, em versão mais leve, em casa ou nas ruas. Os mais tradicionais têm a cor natural da lã, com bordado e franja nas pontas.

Betak: É um quarto ou sala para receber visitas. Uma casa pashtun, por mais pobre, sempre terá um betak, com a decoração tão imponente quanto possível e onde são colocados os bens mais preciosos da família.

Chapati (ou paratha): Pão feito de farinha, água e sal, redondo e bem fininho, como uma pizza.

Em todas as manhãs e noites que se seguiram, eu me sentava com a família no chão, formando um círculo em volta do fogo, para compartilhar o café e o jantar. Eles eram muito pobres, mas comida não podia faltar. Receber bem o visitante faz parte da tradição pashtun e compartilhar as refeições é um momento de grande importância. Do fogareiro saíam os chapatis bem quentinhos, usados como um prato para servir a comida, que

pegávamos com nacos tirados das beiradas, como colher. É assim que comem os pashtuns tradicionais, com as mãos.



Ficávamos ali por horas, enquanto a fuligem escurecia as paredes e intoxicava o ar. Então o velho Mohib começava a contar histórias — os pashtuns são grandes contadores de histórias! Embora fosse um homem franzino, a sabedoria acumulada durante a vida o transformava em um gigante. À medida que falava, a fumaça ganhava contornos de titãs, elfos, fadas, bruxas e bichos-papões, reis e príncipes lutando para governar. A guerra está até nas histórias de ninar.



Mas o conto de que as crianças mais gostavam era o do pequeno gigante que morava em uma abóbora e, um dia, comeu tanto pão, tanto pão, que ficou cheio de gases e explodiu a casa com um pum!

Era a senha para a hora de dormir. Do contrário, ficaríamos ali ouvindo as histórias e comendo pão eternamente, e acabaríamos, dizia o velho, por explodir a casa com um pum! Nós todos ríamos muito com essa história e íamos dormir felizes.

No Swat, a falta de luz impõe o ritmo nas casas. Os moradores acordam com o nascer do sol e, no fim do dia, o vale se rende ao cair da luz, mergulhando na completa escuridão, um lampião por vez.

Razia vinha me acordar todas as manhãs antes da aurora, trazendo baldes de água aquecida no fogareiro para o meu banho. A água era tirada de um poço no quintal.

— Saba baher! (bom dia!) — dizia Razia, enquanto sua cunhada Nazia

tentava varrer a casa, sem sucesso. A vassoura de palha, como aquelas das bruxas, levantava ainda mais a poeira. E os primeiros raios de sol faziam as partículas brilhar como purpurina no ar. O ruído das hastes arrastando no chão e um galo desafinado comporiam a acústica do início dos meus dias no vale do Swat.

Enquanto as mulheres preparavam o pão, esperávamos por uma visita: seu nome era Almoz, uma menina de sete ou oito anos, cabelos emaranhados e roupa em retalhos, que percorria as casas todos os dias no mesmo horário, uma a uma, trazendo uma cabra — o sistema de *delivery* do Swat. Do animal tirávamos o leite, que saía quentinho e cremoso, pronto para beber. Era como se o vale tivesse parado no tempo, quando nem as máquinas nem as garrafas PET existiam, e tudo parecia mais simples.

Depois do café, os meninos iam brincar. Usando galhos de árvores como espadas, travavam lutas pelo domínio do espaço diminuto do quintal. As meninas não tinham muito tempo para isso porque ajudavam as mães no trabalho de casa. Só Tanzeela, de quatro anos, ainda não usava véu e usufruía de regalias como brincar com os meninos.

Aimun, de catorze anos, era a mais velha e a mais calada. Parecia uma menina triste. Razia me contou que ela e o marido já tinham recebido três pedidos de casamento para a filha, porque as meninas do vale se casam muito cedo. Razia é analfabeta e se casou com Sana aos quinze anos. Mas Aimun não queria se casar jovem, como a mãe. Assim como Malala, ela queria ir para a escola.



## 4.

Malala nasceu e cresceu entre os corredores e carteiras antigas de madeira da Escola Khushal, a maior do vale, do professor Ziauddin Yousafzai, seu pai. Era 12 de julho de 1997 quando a mãe deu à luz a menina com a ajuda de uma vizinha parteira, num casebre na frente da escola. Ziauddin lhe transferiu seu sobrenome. Aos nossos olhos, parece um gesto comum, mas nas sociedades patriarcais do sul da Ásia, como o Paquistão, filhos homens têm predileção. A chegada de um menino é motivo de festa, celebrada com música, dança e comidas típicas, enquanto a de uma menina não é sequer anunciada. Criadas para se casar cedo, quando adotarão o nome da tribo do marido, elas raramente são registradas no nascimento. Oficialmente, não existem.

Malala não conheceu essa distinção. Pai e filha tinham uma relação especial.

Em parte, porque de acordo com o pashtunwali uma menina não pode sair à rua sem estar acompanhada de um mahram. São os pais que as levam à escola, ao médico, a um passeio, enquanto as mães são mantidas em purdah. Isso aproxima pais e filhas. Em parte, porque Malala era a filha mais velha e desde pequena acompanhava Ziauddin, enquanto a mãe cuidava da casa e dos filhos menores, Khushal e Atal, nascidos respectivamente dois e sete anos depois da irmã.

Pashtunwali: É um código de conduta que rege as sociedades pashtuns, transmitido oralmente dos pais para os filhos por gerações há milênios. Até o século XV, os pashtuns não tinham escrita, por isso desenvolveram uma forte tradição oral. Até hoje a língua oral é o principal meio de comunicação e transmissão do conhecimento.

Embora não fosse um Khan, a dedicação de Ziauddin ao aprendizado fez dele um homem importante. Como representante da tribo Yousafzai, considerada a mais educada do vale, de uma linhagem de poetas e filósofos do Swat, Ziauddin integrava a qaumi jirga, presidia uma associação de escolas e, mais tarde, fundou o Conselho de Paz Global, que lutava para manter a paz na região. Malala o acompanhava em protestos, reuniões e eventos públicos, sempre atenta aos movimentos e dizeres do pai. Os dois se tornaram grandes companheiros.

Ziauddin era um homem justo e dava à filha os mesmos direitos que conferia aos filhos. “Os meninos (Atal e Khushal) se sentavam no colo do pai, e Malala ao lado deles. Depois de alguns minutos com a família, a pessoa que deixava uma impressão mais forte em você era ela. As meninas da nossa sociedade são muitas vezes intimidadas. Elas não falam, não dividem seus sonhos, aspirações e ambições porque suas vidas estão definidas pelos pais e elas não têm escolhas. É raro para uma menina pashtun das áreas tribais ter permissão do pai para estar entre homens adultos e, se estiver, ficará calada em um canto e só responderá a perguntas feitas diretamente a ela. Malala era diferente. Você podia ver que ali estava alguém que queria mais da vida. Isso podia ser visto desde que ela tinha dez ou onze anos. Era uma criança extraordinária”, me disse o príncipe Adnan durante nossa conversa em sua casa.

Mahram: Guardião, necessariamente um homem da família, que pode ser o pai, irmão ou filho mais velho, avô ou tio, mas nunca um primo com quem a menina possa se casar no futuro. O casamento entre primos é comum entre os pashtuns, porque os homens de outras tribos e clãs são muitas vezes considerados inimigos. Para proteger a tribo e suas terras e aumentar o clã, com os filhos que virão, eles preferem manter tudo em família. Por isso, na maioria das vezes, ainda hoje são os pais que escolhem com quem as filhas vão se casar. São os casamentos arranjados, como se diz.

Purdah: Confinamento em que vivem, em casa, as mulheres pashtuns do vale do Swat. Elas só podem sair com autorização do marido e acompanhadas por ele. Às vezes, se o marido permitir, podem sair com um mahram.

“Todos os que um dia colocaram os olhos em Malala sabiam que ela tinha algo especial”, confirmou a diretora Maryam Khaliq, quando visitei a Escola Khushal.

Antes mesmo de aprender a ler e escrever, Malala assistia às aulas infiltrada entre as alunas mais velhas, “os olhos brilhando para o quadro-negro”, me disse madame Maryam. Era assim que as meninas chamavam a diretora.

A escola fica em um casarão branco. Sentada em um banquinho no saguão de entrada, eu observava as alunas chegando para as aulas do período matutino. Ao atravessar o pequeno e discreto portão de madeira talhada, uma a uma, elas se transformavam, como se aquele fosse um portal mágico. O semblante preocupado dava lugar ao sorriso. O medo, à animação. O silêncio, à algazarra. Os passos cuidadosos e vigilantes, ao corre-corre escadarias acima!

Era uma manhã ensolarada e eu as encontrei reunidas no terraço, com vista para as lindas montanhas do Swat, como fazem todos os dias antes de começar a aula.

Khan: É comumente adotado pelos pashtuns como último sobrenome, herança do Império Mongol, quando era usado como título de honra para designar os chefes e governantes.

Qaumi jirga: A jirga é uma assembleia de líderes locais que se reúnem para decidir, por consenso, sobre assuntos importantes para a comunidade. A qaumi jirga do vale do Swat foi criada para defender a paz e preservar a tradição e a história pashtun.

As meninas me contaram que,  
na escola,  
Malala era  
a mais sabida,  
a mais valente,  
a mais falante.

Desde pequena, discursava como gente grande!  
Era a mais sorridente e também a mais confiante.  
Foi o que as colegas de classe me disseram.

A escola organizava gincanas e competições entre as alunas, e Malala passou a colecionar troféus. Participava de todas as atividades, de testes de conhecimento a esportes e teatro. Um dia, Malala escreveu e produziu uma sátira de *Romeu e Julieta*, que interpretou com a amiga Malka-e-Noor;

Malala como Romeu e Malka como Julieta. Todos, alunas e professores, riram muito. Quem me contou foi um de seus mestres, Fazal Khaliq, que me mostrou fotografias daquele dia alegre.

As meninas também participavam de atividades fora da escola. Elas criaram a Assembleia de Direitos das Crianças, em que se reuniam para discutir os problemas do vale do Swat e encaminhar pedidos e ideias de soluções para o governo. Com isso, chamaram a atenção das autoridades para o vale. Em uma das sessões, decidiram acabar com o trabalho infantil; em outra, que todas as crianças deveriam estar na escola. Malala foi eleita sua oradora.



Malala quase sempre tirava dez. Às vezes oito, mas isso quando a prova valia oito, como na prova de física. Às vezes vinte, mas isso quando a prova valia vinte, como na de álgebra. E onde já se viu menina gostar de física e álgebra? Malala gostava! De física, matemática e química. História, biologia e geografia. Mas o seu tema preferido era poesia: Malala gostava de rimar. Em urdu, pashto, inglês, as línguas que aprendeu a falar, além de umas palavrinhas em árabe.

O nome da escola foi escolhido em homenagem a um poeta pashtun: Khushal Khan Khatak, que viveu no século XVII. Era conhecido como o poeta

guerreiro. Um guerreiro das palavras, como Malala!

Ao contrário de sua mãe, Tor Pekai, que não teve oportunidade de ir para a escola, Malala aprendeu a amar os livros desde pequena.

Nos intervalos das aulas, Malala e as amigas trocavam volumes da saga *Crepúsculo* e de *Harry Potter*, seus preferidos. Durante a guerra, o menino mágico tinha o poder de levá-las para bem longe, a lugares onde podiam se divertir e se sentiam mais protegidas.

Urdu: Língua oficial do Paquistão.

Pashto: Língua do povo pashtun.

Inglês: Idioma oficial de países como Austrália, Canadá, Estados Unidos e Grã-Bretanha. No Paquistão, é a segunda língua, levada pelos britânicos.

Árabe: Língua dos povos árabes e do Corão, o livro sagrado dos muçulmanos, como Malala.

Como lia muito, Malala sabia muito também. Por isso, quando falava, todos a ouviam. Era com ela que o pai gostava de discutir política, porque Malala tinha opinião sobre tudo.

E o que fazia Malala ser tão especial? O querer saber, oras! Às vezes, ela perguntava às pessoas, outras aos livros, mas não ficava sem resposta. Era essa vontade grande de saber que a fazia ser especial.

É que, no vale do Swat, as crianças não são encorajadas a fazer perguntas, mas apenas a ouvir os adultos e aceitar o que dizem como certo. Em pashto, a palavra para pensamento, *soch*, é a mesma que para preocupação. E desde quando pensar é o mesmo que se preocupar? Pensar é bom; preocupação, não. Quando você pergunta às crianças do Swat: *Wuli?* Por quê? Muitas respondem: *Sakh* (Eu não sei) ou *Asai* (Porque sim). E repetem: *Sahid, sahid!* (Sei, sei!). Só que, às vezes, sem saber.

Na escola é diferente, todos aprendem a pensar, os meninos e as meninas também — em classes separadas, porque é assim no vale do Swat: meninas para cá, meninos para lá. Isso é meio chato, mas, como disse Malala um dia, o importante é estudar.

A vida das meninas é um pouco mais difícil que a dos meninos, porque elas ajudam no trabalho doméstico e têm menos tempo para ser criança,

brincar e aprender. Mas é também verdade que elas têm uma vantagem: como as mães raramente podem deixar a casa, as meninas são usadas desde pequenas para trazer e levar as fofocas da vila. Então, aprendem a observar e a saber das coisas sem exatamente perguntar. Assim, desenvolvem um talento especial, que levam para a escola, onde aprendem mais rápido e têm as melhores notas. Os meninos ficam furiosos! Vai ver é por isso que aqueles homens queriam proibir as meninas de estudar...

## 5.

Quando a noite caía e o vale escurecia, Ziauddin acendia o lampião e lia poemas para Malala, uma forma de se esquecerem das ameaças.

Às vezes Malala sentia medo e chorava baixinho, escondida. Daí lembrava ter o nome de uma heroína, Malala de Maiwand.

Então enxugava as lágrimas com o véu, porque no vale do Swat todas as meninas usam o dupatta ou o shawl. Malala não gostava de esconder o rosto, como as outras, nem de usar a burca, porque é “muito difícil andar com aquilo”, ela contou um dia. Mas achava o véu das muçulmanas bonito (há muitas religiões no mundo e cada qual tem sua graça!) e com ele cobria os cabelos negros e ondulados, o que ajudava a destacar seus lindos olhos amendoados. Cor-de-rosa era o seu véu preferido.

Malala de Maiwand: Foi uma poetisa e guerreira pashtun, que dizem ter liderado o exército de seu povo usando o véu como bandeira. Ela morreu, mas sua coragem encheu de ânimo os soldados e eles venceram a batalha de Maiwand contra os britânicos, em 27 de julho de 1880. É chamada de Joana D’Arc afegã.

Dupatta: Véu com o qual as mulheres do vale do Swat cobrem os cabelos, mesmo quando estão em casa.

Shawl: Véu longo, de pontas até o chão, que as mulheres do vale do Swat usam para cobrir o rosto e o corpo ao sair de casa.

Burca: Veste que cobre as mulheres da cabeça aos pés, como o niqab, mas encontrada nas cores azul, branca e bege. Tem uma rede na altura dos olhos para que elas possam enxergar. Tradicional no Afeganistão e Paquistão, era no passado o traje das monarcas, que não podiam ser vistas pelos plebeus. Tornou-se obrigatória em público durante o regime dos talibãs. Hoje é usada principalmente por afegãs e paquistanesas das zonas tribais.

Niqab: Veste negra e longa, que envolve o corpo inteiro e o rosto até a altura do nariz, deixando apenas uma fresta para os olhos. Seu uso é imposto às mulheres árabes muçulmanas de países como Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos.



Não eram só bonitos e coloridos os véus da Malala. Serviam também para esconder os livros! Assim, ninguém percebia que ia para a escola. Todos os dias ela fazia um caminho diferente: às vezes seguia pelo rio; noutras, atravessava o mercado. Tudo para despistar os olhares.

Quando passava um homem muito barbudo, ela apressava o passo. Porque os homens que proibiram as meninas de estudar e destruíram as escolas no vale do Swat têm a barba muito longa. Faz parte do costume deles.

Eles se chamam talibãs e vivem nas montanhas, muito longe das escolas.

Curioso é que “talibã”, na terra da Malala, quer dizer “estudante”. Então, como podem não gostar de quem estuda? Acontece que, quando esses talibãs eram meninos, eles também não puderam estudar e não sabem o valor que isso tem.

Muitos foram tirados de suas famílias quando ainda eram crianças. Era o Natal de 1978 e soldados soviéticos invadiram o Afeganistão. O conflito se tornou parte da Guerra Fria. As bombas caíam do céu como chuva e milhares de famílias fugiram para o outro lado da fronteira, para viver em campos de refugiados no Paquistão.

Soviéticos: Nascidos na antiga União Soviética, um país que existiu entre 1922 e 1991. Era comandado pelo Partido Comunista, que também deixou de existir, e tinha como capital a cidade de Moscou. A União Soviética se desmembrou em vários países e Moscou é hoje a capital da Rússia.

Guerra Fria: No fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, teve início a Guerra Fria, uma disputa por poder entre Estados Unidos e União Soviética, que dividiu o mundo em dois blocos, com sistemas econômicos, políticos e ideológicos divergentes: o chamado bloco capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e o bloco comunista, liderado pela União Soviética.

Um dia, antes de conhecer a história da Malala, eu visitei um desses campos, o Jalozai. É um lugar muito, muito pobre. As famílias vivem em barracas de lona, sem luz e com frio. As crianças têm de buscar água em poços muito distantes. Andam descalças e sujas porque o chão é de terra e elas tiveram de deixar tudo o que tinham para trás: sapatos, brinquedos, a escola.

Foi desses campos que muitas crianças foram tiradas das famílias e

levadas para madrassas. Seus pais acharam bom, porque lá elas teriam comida, roupa nova, um lugar limpinho e quentinho para dormir e estudo, coisas que não existiam nos campos.

Mas aqueles eram tempos de guerra e os meninos, no lugar disso, foram ensinados desde pequenos a lutar e a usar armas. Quando cresceram, tornaram-se homens muito violentos.

Eu conheci um talibã. Tomei coragem e fui até a casa dele em Cabul, a capital do Afeganistão. Ele se chamava Abdul Salam, mas seu apelido era Mulá Foguete. Por que o apelido? Porque dizem que conseguiu derrubar um helicóptero soviético com um foguete disparado do seu ombro!

Ele era um homem muito carrancudo, até mais do que eu, que tenho “carranca” no nome. Falava sem olhar para mim, porque, como outros talibãs, também achava que uma mulher não deveria andar sem o marido ou trabalhar, e não gostava muito dos estrangeiros. Mas depois eu percebi que era também um homem triste. Sua mãe tinha morrido quando ele nasceu e, como era apenas um bebê, foi entregue a uma madrassa, onde cresceu longe do pai, das irmãs e dos irmãos mais velhos. A família era nômade e seguiu caminho, abandonando-o para trás. Depois veio a guerra e a única coisa que ele aprendeu foi a lutar. Mulá Foguete tornou-se um comandante militar dos talibãs.

Fronteira: Linha divisória entre dois países.

Refugiado: Aquele que busca refúgio em outro país, onde pode viver em segurança.

Madrassas: Escolas ou internatos religiosos.

Mulá: Do árabe *mawla*, que quer dizer mestre ou guardião.

Seguia ordens diretas do chefe do grupo, Mulá Omar, que como muitos talibãs nunca havia aprendido a ler e a escrever. Ele era conhecido como Mulá Caolho, porque perdeu o olho direito em uma batalha. Era também um homem muito duro, embrutecido pela guerra. Quando tomou o poder, depois de expulsar os soviéticos do Afeganistão, começou a fazer coisas terríveis. Proibiu as mulheres de sair de casa sozinhas e as meninas de

estudar. Outros o imitaram no Paquistão e os talibãs aumentaram em número e ganharam poder.



Um dia, invadiram o vale do Swat — e foi quando tudo mudou na vida da Malala.

Nômades: Tribos e povos pastores que não têm residência fixa e vagueiam errantes pelo mundo.



## 6.

Era 2007 e Malala logo faria dez anos, quando os homens desceram as montanhas e chegaram ao vale. Eles circulavam mascarados na traseira de picapes, aterrorizando crianças e adultos, fuzis Kalashnikov em punho. Vigiavam os arrozais armados com lançadores de foguetes e passaram a destruir tudo o que lembrasse o passado. A família do príncipe do Swat teve de fugir, o Palácio Branco foi abandonado e eles explodiram até as estátuas de Buda, dos tempos em que o vale do Swat era parte do reino budista de Gandara. Tempos em que era chamado de Janad.

Malala e Ziauddin passariam a chamá-lo de paraíso perdido.

Os homens destruíram computadores, câmeras fotográficas e aparelhos de TV, vídeo, DVD e som. Tomavam-nos das casas e com eles faziam enormes fogueiras nas ruas.

Tudo na cabeça deles era haram.

E Malala já não podia assistir a seu programa preferido: *Raja Kee Aye Barat Gee* (*O Garoto dos meus Sonhos Virá Casar-se Comigo*), no canal Star Plus. Nem mesmo cantarolar sua música favorita, “Merahan Merahan”. Dizia assim: “Sua tristeza é a minha tristeza, sua dor a minha dor. Lálálá...”. E Malala a cantava lindamente, me disse madame Maryam.

Gandara: Reino budista que ocupava o noroeste do Paquistão e partes do leste do Afeganistão e existiu entre o século VI a.C. e o século XI d.C., quando foi tomado, no ano de 1021, pelo conquistador muçulmano Mahmud de Ghazni, fundador do Império Gaznévida.

Janad: Paraíso.

Haram: Pecado.

Acontece que os homens barbudos das montanhas mandaram fechar até as lojas de música. E matar a bailarina Shabana, que era famosa por animar as festas de casamento do vale.

Para servir de exemplo, os corpos eram deixados na Green Chowk (Praça Verde), que os moradores passaram a chamar de Khooni Chowk (Praça Vermelha) — vermelha da cor de sangue. A praça ficava a três quadras da Escola Khushal e, no caminho para as aulas, as meninas viam tudo aquilo.

Malala entendeu o recado. A partir daquele dia, as cantoras já não podiam cantar, as dançarinas já não podiam dançar. O vale emudeceu e ficou triste.

As mulheres foram banidas da vida social e proibidas até mesmo de frequentar o bazar.

Eles também fecharam as barbearias, assim ninguém mais faria a barba!

É que os talibãs deixam a barba crescer porque, para eles, se Alá deu barba aos homens, é como tem de ser. Muitos muçulmanos não pensam assim. Mas o chefe dos talibãs no Paquistão levava isso a ferro e fogo, queria tudo do seu jeito.

Era terrível o barbaças!

Fazle Hayat era seu nome, mas ele gostava de ser chamado de Fazlullah. Era um sujeito esquisito, de dentes centrais separados, mas cabelo e barba juntos, a ponto de não se saber onde começa um e termina o outro. O turbante negro sobre o rosto pequeno, emoldurado por aquela portentosa e rebelde cabeleira, que mais parecia a juba de um leão, deixava-o ainda mais dentuço; tão dentuço quanto falastrão. Quando começava, varava a noite dando sermão! Tanto que ganhou o apelido de Mulá Rádio.

Alá: Deus, em árabe.

Barbaças: Homem que tem barba farta e comprida.



Na infância, ele era constantemente flagrado dormindo pelos cantos da madrassa. Largou a escola e desistiu dos estudos religiosos antes mesmo de saber ler direito. Na adolescência, foi ganhar uns trocados como operador de teleférico na estação de esqui de Malam Jabba. Localizada em um colossal nó de montanhas formado pelo encontro das cordilheiras de Hindu Kush, Karakoram e Pamir — que conectam o Paquistão, respectivamente, com o Afeganistão a oeste, o platô tibetano a leste através da Índia e a China ao norte —, a única estação de esqui paquistanesa foi destruída mais tarde em um incêndio. O fogo foi provocado pelos homens de Fazlullah, àquela altura já convertido em “chefe do Swat”.

Logo Fazlullah estava galopando pelas aldeias e colinas do vale montado em um cavalo branco.

Seus homens explodiram a usina de energia e o vale mergulhou na mais profunda escuridão. Radinhos a pilha eram a única diversão. Mas só se podia ouvir a voz de Fazlullah e ele dizia coisas apavorantes, que traziam pesadelos e tiravam o sono das meninas. Seus discursos ecoavam por todo o vale como os trovões de uma tempestade que se anuncia. Foi pelo rádio que ele mandou noticiar que as meninas estavam proibidas de ir à escola.

— Eu quero ter educação e quero me tornar méd... — murmurou Malala pouco depois de receber a notícia. Ela ia dizer “médica”, mas mal conseguiu terminar a frase. Levou as mãozinhas delicadas ao rosto, emoldurado pelo véu cor-de-rosa, e chorou.

Aquele tinha sido o dia mais triste da vida de Malala até então.

## 7.

Ziauddin estava determinado a não deixar a Escola Khushal fechar. Ele decidiu que todos deveriam saber o que estava acontecendo no vale do Swat e começou uma campanha.

— Como o Talibã se atreve a tirar meu direito à educação? — discursou Malala, ao lado do pai, na cidade de Peshawar, capital das terras pashtuns, em setembro de 2008. Foi sua primeira aparição pública. Ela tinha onze anos.

Malala sabia que no Corão está escrito que todos devem buscar conhecimento. Então, lembrou-se de como é importante conhecer as letras e os livros. Como o poeta Khushal, que dá nome à escola, ela fez das palavras a sua arma.

— Minha força não está na espada. Está na caneta — ela disse, um dia.

Bhagavad-Gita: Escrituras sagradas dos hindus, assim como os vedas, entre outros.

Bíblia: Livro sagrado dos cristãos, com Antigo e Novo Testamento.

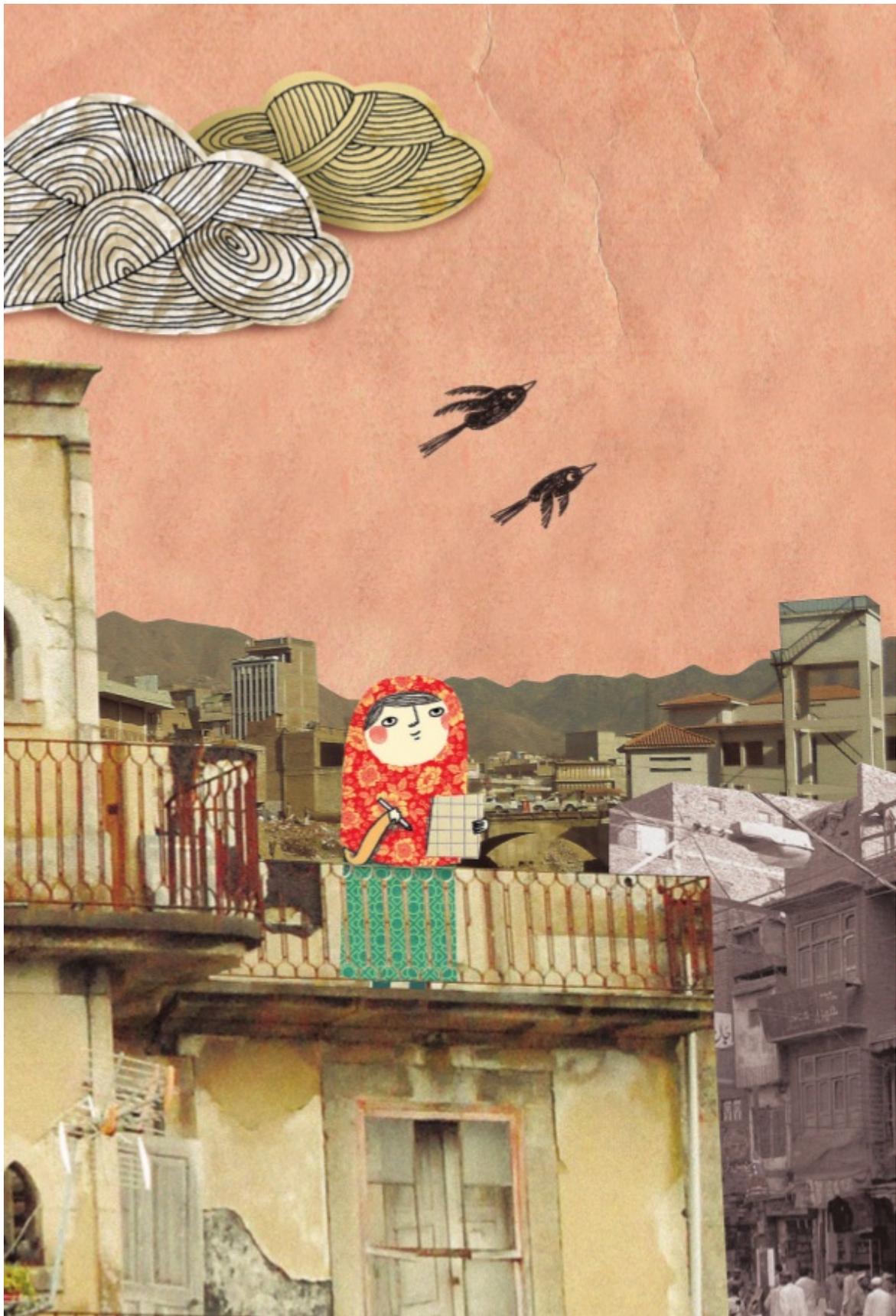
Corão: Livro sagrado dos muçulmanos.

Guru Granth Sahib: Livro sagrado dos sikhs.

Kitáb-i-Aqdas: Livro sagrado dos bahá'ís.

Torá: Livro sagrado dos judeus.

Os budistas não têm um livro sagrado, mas leem vários textos com ensinamentos de Buda.



Malala começou a escrever um blog!

Por segurança, escolheu um pseudônimo: Gul Makai, heroína do folclore pashtun, que na língua da Malala dá nome a uma linda flor azul.

O blog de Gul Makai era publicado em urdu no site da rede de rádio e televisão BBC, da Grã-Bretanha, a terra da rainha. Malala escrevia com um refinamento surpreendente para uma menina da zona tribal, o que ajudou a chamar a atenção para os problemas do vale. O primeiro post começava assim:

“Estou com medo”.

Mas Malala era uma menina muito corajosa, porque ter coragem não quer dizer não ter medo, mas enfrentar os medos que a gente tem. E todo mundo tem medo de alguma coisa, não é?

Protegida pelo anonimato, ela continuou escrevendo. Seus posts humanizavam a guerra. Todos conheceram a tragédia do Swat e o drama das meninas por causa do blog da Malala — quer dizer, o blog da Gul Makai.

Por algum tempo, Malala ficou contente por ter um pseudônimo, pois às vezes não gostava do próprio nome — “Malala” quer dizer fúnebre e ela pensava que isso lhe trazia azar. Quem sabe o novo nome lhe traria sorte.

O governo do Paquistão havia prometido proteger as escolas e o exército enviou soldados ao vale do Swat para lutar contra os talibãs.

Todos ficaram muito felizes, por acreditarem que a paz voltaria a reinar. Dos helicópteros militares, os soldados jogaram balas e doces para as crianças e foram recebidos com acenos de alívio e alegria. Mas logo vieram as bombas e o fogo da artilharia.

Malala tinha sonhos terríveis. Depois, já não conseguia dormir.

Os helicópteros passaram a sobrevoar as escolas e as casas a uma distância assustadora e, quando ouviam o barulho das hélices, as crianças corriam para se esconder. Elas já não podiam sair para piqueniques e passeios. Um toque de recolher impunha que todos os moradores voltassem para casa antes do pôr do sol. À noite, as ruas ficavam desertas.

O Swat se tornou um vale das trevas.

A Escola Khushal resistia aberta, mas ir à aula tinha se tornado muito perigoso.

Malala conta no blog que, um dia, no caminho para a escola, ouviu de um

homem: “vou matar você”. Ao olhar para trás, percebeu que ele a seguia, então acelerou os passos. Seu coração também batia mais rápido. Só depois notou que ele falava ao celular e devia estar ameaçando outra pessoa.

Ela estava muito assustada, todos estavam.

Os pais temiam pela segurança das filhas. Muitas amigas de Malala deixaram o vale.

Madame Maryam, a diretora da Escola Khushal, ordenou às alunas que não usassem mais uniforme, assim ninguém saberia para onde iam. Mas ainda era arriscado manter a escola aberta, pois o prazo que os talibãs haviam dado para que fechassem todas as portas em Mingora, cidade da Malala, se aproximava. Se descumprissem suas ordens, os terroristas ameaçavam mandar as escolas pelos ares! Eles já tinham explodido mais de uma centena delas nos vilarejos próximos.

Então, no último dia do prazo dado pelos talibãs, a Escola Khushal também fechou.

Ziauddin decidiu levar a família para passar alguns dias fora do Swat, onde ainda havia paz. As estradas eram vigiadas a distância pelos talibãs e todos estavam apreensivos. Mas os soldados haviam assumido o controle do vale e após passar a serra com segurança a família respirou aliviada.

Malala gostava de viajar e de conhecer lugares novos, embora sentisse saudades das belezas naturais de seu Swat. Estava animada, mas logo percebeu que, se a guerra tinha ficado para trás, seus efeitos acompanhavam todos que tinham passado por aquela experiência.

Um dia, ela viu o irmão mais novo brincando sozinho no jardim. Quando o pai perguntou o que ele estava aprontando ali, revolvendo o gramado daquele jeito, o garoto respondeu que brincava de fazer uma cova.

Num outro momento, Malala observou-o com um helicóptero de brinquedo, enquanto o irmão segurava uma pistola de papel. Um gritava: “Fogo!”, e o outro dizia: “Tomar posição!”. Eles disseram ao pai que queriam fazer uma bomba atômica.

Em uma viagem ao vilarejo de Bannu, o ônibus em que estavam caiu em um buraco, o que fez a buzina disparar e acordar o irmão mais velho. “Foi a explosão de uma bomba?”, ele perguntou à mãe, amedrontado.

Farta da violência, Malala combinou com os irmãos que eles não falariam mais de guerra e, sim, de paz, mas a guerra teimava em não acabar.

Sem conseguir se adaptar à mudança, Ziauddin decidiu voltar para casa com sua família, embora muitos estivessem fazendo o caminho contrário. Encontraram a situação ainda pior.

A educação das meninas continuava banida e Malala se entristecia em ver o uniforme, a mochila e o estojo de geometria no canto, sem uso. Ela sentia falta da escola e até das discussões com as colegas de classe. Mas o talibã havia ordenado que as meninas já não saíssem. Durante meses, elas ficaram presas dentro de casa.

Malala escrevia tudo no blog, onde podia ser livre. Também se tornou o único lugar por onde as pessoas de fora podiam observar o que acontecia no vale, como a espiar por um buraco de fechadura. Os acontecimentos relatados chocavam a população de outras regiões do Paquistão e do mundo. Malala ganhou muitos leitores e todos comentavam sobre o que ela escrevia, mas ninguém podia saber quem era a verdadeira autora, pois os talibãs não perdoariam sua ousadia. Somente seus pais, Ziauddin e Tor Pekai, sabiam que a filha era a blogueira do Swat. Esse era seu segredo. E eles souberam guardá-lo até o fim da guerra.



Certo dia, chegou a notícia de um acordo de paz. O som de disparos ecoou pelo vale mais uma vez, mas aqueles eram em celebração. Os pais e os irmãos de Malala choraram. Dessa vez, um choro de alegria. As famílias vizinhas distribuíram doces e comida umas às outras, como é usual entre os pashtuns nos dias de festa. Todos foram para as ruas comemorar!

O povo do Swat havia se cansado dos conflitos. O acordo de paz reacendeu suas esperanças e, por um momento, as pessoas voltaram a ser felizes, apesar das incertezas...

Só que não demorou até a violência voltar.

Havia rumores de que alguns comandantes do Talibã não aceitaram o acordo e continuariam lutando até o último suspiro.

Malala ficou com o coração angustiado quando soube disso.

“Nossas esperanças de paz foram esmagadas”, escreveu no blog.

Pouco depois, o Exército lançou uma grande ofensiva e teve início a segunda batalha do Swat.

As explosões abriam clarões no céu, iluminando a escuridão do vale. Mais de 2 milhões de moradores — quase toda a população do vale e arredores — deixaram suas casas, no maior êxodo da história do Paquistão. Todos fugiram, abandonando tudo para trás. E o Swat virou um vale fantasma.

Os Yousafzai também tiveram de partir, dessa vez por um longo tempo. Malala passou por quatro cidades em três meses e então já não conseguia escrever o blog. Ficou na casa da avó, de tias, tios e primos e até achou divertido revê-los. Mas ser obrigada a viver em um lugar distante era muito difícil.

Tudo na vida de Malala parecia estar de pernas para o ar. Estava longe de casa, da escola, dos livros, do pai. Ziauddin continuava sua campanha em busca de ajuda para acabar com a guerra no Swat e fazia muitas viagens. Estava tão preocupado com a situação que se esqueceu do aniversário de doze anos de Malala e ela ficou triste.

O pai prometeu que tudo ficaria bem logo e eles voltariam para casa, mas as notícias do Swat não eram nada boas e esse dia nunca chegava...

Até que chegou.



## 8.

O Exército do Paquistão conseguiu expulsar os talibãs do vale e eles voltaram para seus esconderijos nas montanhas. A guerra acabou e a família finalmente pôde voltar para casa. Só que o Swat já não era como antes. Malala encontrou a cidade vazia, o mercado fechado, as casas abandonadas, muitas delas destruídas.

E adivinha que lugar ela quis visitar primeiro? A escola! Mas lá encontrou tudo de pernas para o ar! A placa da Escola Khushal estava jogada no chão, havia carteiras quebradas, pichações, paredes destruídas, outras com marcas de tiros. Os soldados tinham usado as escolas como quartel.

Ao todo, mais de quatrocentas foram destruídas durante a guerra e 600 mil crianças ficaram sem aula.

Aos poucos, porém, a vida foi voltando ao normal. As escolas reabriram as portas, quando tinham portas. Muitos meninos e meninas passaram a estudar em tendas, ao pé das árvores, no meio dos escombros, usando tijolos como cadeiras. As lojas de música e as barbearias reabriram e os moradores desenterraram aparelhos de TV, DVD e som que tinham escondido debaixo da terra.

Com os talibãs longe, Ziauddin revelou que Malala era a menina blogueira.



Ela ficou muito famosa!

Apareceu em um filme-documentário do *New York Times*, um jornal americano muito lido em todo o mundo. Os jornalistas estavam curiosos e interessados em saber o que tinha acontecido com as famílias do Swat depois da guerra, e Ziauddin e Malala passaram a dar entrevistas.

Em todas elas, defendiam o direito das meninas à educação.

— Eu tenho direito à educação. Eu tenho direito de brincar. Eu tenho direito de cantar. Eu tenho o direito de falar — disse Malala a uma rede de TV internacional. Suas palavras foram ouvidas em todos os cantos do mundo.

Por seu ativismo, Malala ganhou prêmios e conseguiu benefícios para escolas da região.

Em dezembro de 2011, Malala recebeu o Prêmio Nacional da Paz — mais tarde rebatizado com seu nome, do qual voltou a se orgulhar. Na cerimônia, revelou que já não queria ser médica, mas formar um partido político para defender a educação.

A menina de jeito doce, mas fala assertiva, desafiava frequentemente os homens que tinham proibido as meninas de ir à escola, às vezes expondo-os ao ridículo. Num território onde as mulheres tinham sido silenciadas pelo terror, Malala havia cruzado um limite perigoso.

Para os sisudos homens das montanhas, ela estava indo longe demais...

O vale do Swat tinha voltado a dormir em silêncio, um silêncio ainda estranho para Malala. O ruído dos helicópteros, disparos e explosões já não interrompia as madrugadas, mas o perigo agora era sorrateiro. Acreditava-se que os talibãs tinham atravessado a fronteira para o vale do Korengal e estavam escondidos em seu labirinto de montanhas, cavernas e túneis — longe das vistas, mas perto o suficiente para manter sua vigilância aterrorizante. Por sua geografia e proximidade com a fronteira, o Korengal é um velho reduto de terroristas. Por isso era chamado de Vale da Morte.

Os talibãs voltaram para as montanhas, mas o vale do Swat continuava vivendo à sombra do medo, sob a observância, agora distante, dos vilões em seu enalço.

— Há medo em meu coração — confessou Malala. Olhando por um buraco na parede da escola, através do qual se via todo o vale do Swat, ela disse: — Isso é o Paquistão. O talibã nos destruiu.

— Vamos matá-la se não se calar! — prometeram eles, de seus esconderijos no Vale da Morte.



## 9.

Muitos dias e noites se passaram, e muitas histórias me contaram. Naquele dia, 9 de outubro de 2012, uma terça-feira ensolarada, foi assim que aconteceu:

Despertado pelo chamado dos muezins, que ressoava das torres das mesquitas, o vale do Swat amanheceu sem uma nuvem no céu, como num dia típico de outono. A noite levara consigo as angústias. Era assim todos os dias, porque as meninas do vale do Swat aprenderam com a violência a viver o hoje, um nascer do sol de cada vez.

Cada uma em sua casa, as alunas da Escola Khushal acordaram cedo, rezaram, tomaram o café da manhã — chá açucarado, ovos fritos e paratha. Vestiram o uniforme azul-marinho e o shawl branco e foram para a escola.

Naquela manhã, as meninas entraram um pouco mais tarde, às nove horas e não às 8h15, como de costume, pois aquele era o segundo dia de provas finais na Escola Khushal. Como faziam todos os dias, elas se reuniram no terraço, com vista para as montanhas, cantaram o hino nacional e foram para as salas de aula.

Muezim: É o responsável por chamar os fiéis para a reza nas mesquitas, proferindo frases do Corão de forma melodiosa, assim como o badalar dos sinos chama os cristãos para a missa nas igrejas.



Sentada junto de Malala, Rida recorda que a colega parecia preocupada. Desde a primeira série, Malala tirava as notas mais altas. Aos catorze anos e cursando agora a nona série, porém, havia perdido o lugar de melhor aluna para a colega de classe e rival Malka-e-Noor nos últimos exames. Talvez fosse esse o motivo do mau presságio, ela pensou. “Nós ficamos surpresas porque Malala era sempre a primeira. Nunca a vi deixar de fazer a lição de casa. E ela jamais faltava. Ia para a escola todos os dias e não tirava vantagem por seu pai ser o dono. Ela achava que, se queria passar a mensagem para que as outras estudassem, tinha de ser a melhor nisso. E estava decidida a ser a melhor de novo”, me disse Rida.

Ao final da prova, as meninas foram liberadas mais cedo do que de costume: às 11h30, e não às 13h30.

Na saída, o alarido era grande pelos corredores. Elas estavam aliviadas com o fim de mais um dia de provas e Malala parecia feliz por ter ido bem.

— Hoje o teste foi muito difícil, nós estudamos até tarde ontem à noite, então agora vamos brincar — Rida lembra-se de ouvir de Malala. Rida, Malala e Moniba se sentavam nessa ordem em classe e, depois da prova, segundo a colega, foram brincar na gangorra, embora parecessem crescidas para aquilo.

Mais tarde, Malala comprou a bebida na cantina e, como sempre faziam, as duas dividiram o lanche: arroz feito pela mãe da Rida. “Malala adorava o arroz da minha mãe e sempre me pedia que trouxesse duas colheres”, ela me disse. As meninas do Swat, aliás, adoram arroz e comem com tudo, a toda hora e de todo tipo: colorido, apimentado ou chinês. Tradicional, longo, curto ou japonês.

Na cantina também estava Kainat Riaz, de quinze anos, aluna da última série. Ela pediu um tchawan (cumbuca chinesa de, adivinha?, arroz) e se pôs a conversar sobre a prova com as colegas de classe. Tinha deixado duas questões em branco e contava às outras ter apelado ao choro para convencer a professora a dar-lhe mais tempo. Estava cansada e queria ir para casa estudar para a prova de física do dia seguinte. Uma das meninas insistiu que ficasse. “Pegue o segundo ônibus, Kainat! Por favor!” Kainat ficou.

Shazia Ramzan, que tinha doze anos e cursava a oitava série, gostava de

ficar fofocando com as amigas até mais tarde e sempre pegava o segundo ônibus.

O motorista, Usman Ali, estacionou o dyna na frente do portão sem placa da rua Yahya, uma viela enlameada, por onde as meninas entravam e saíam com alguma discricção. Como Malala tinha se tornado famosa, o Exército oferecera proteção especial a Ziauddin, que recusou. “Uma escola não é lugar para armas!”, ele dizia. Mas havia outro motivo: Ziauddin não confiava nos soldados.

Dyna: Pequena caminhonete adaptada como ônibus escolar.



A escola ficava a menos de um quilômetro da casa onde viviam os Yousafzai, mas Malala, por segurança, passou a usar o transporte escolar.

Usman Ali buzinou, anunciando que o dyna iria partir.

Kainat sentou-se primeiro, mais ao fundo; Shazia veio em seguida e ocupou o lugar a seu lado. Malala e Moniba se despediram de Rida, que foi embora de carro com o pai, e correram para o dyna, sentando-se nessa ordem.

Era perto de meio-dia. Os termômetros apontavam trinta graus, apesar de ser outono.

O cheiro vindo das casas denunciava o que as famílias preparavam para o almoço. A voz do muezim ressoava dos alto-falantes das mesquitas, convocando os fiéis para a segunda reza do dia. O chamado misturava-se à buzina dos carros, ao ronco dos motores e à algazarra das meninas, embora o dyna não estivesse lotado, pois fazia a segunda e última viagem do dia.

Assim, seguiu sacolejando pela movimentada rua Haji Baba, passou na frente do posto militar de Shahid, onde soldados cumpriam o turno atrás de barricadas de sacos de areia, e menos de cem metros depois virou à direita na rua Sharif Abad.



Kainat abriu o livro de urdu para ver se tinha respondido corretamente sobre a data de nascimento do poeta Mirza Asadullah Khan. A seu lado estava Shazia, depois Malala e Moniba. Malala brincava com as palavras criando tappeys. Como sempre, ela fazia piadas, sorria e se divertia com as outras meninas.

Distraídas, elas não repararam quando o dyna brecou abruptamente, cerca de trezentos metros após entrar na rua Sharif Abad — por ser uma rua estreita, sem acostamento, é comum que um carro pare para dar

passagem a outro. O dyna parou entre uma fábrica de salgados e o mausoléu ornamentado do ministro que cuidava das finanças do wali do Swat, Malak Sher Mohammad Khan, uma lembrança dos tempos de prosperidade no vale. A distância viam-se as montanhas de Gulkada, mencionadas pelo peregrino chinês Sun Yun no ano 520 a.C. como a localização do mosteiro de T'a-lo, um dos mais de quinhentos mosteiros budistas do vale do Swat durante o reino de Gandara. Os monges eram atraídos por sua beleza, imensidão e paz.

Paz que já não existia.

Dois homens em uma motocicleta tinham feito sinal para que Usman Ali parasse. Um deles desceu da moto e se aproximou, perguntando se aquele era o ônibus que levava as alunas da Escola Khushal, embora o nome estivesse pintado em letras garrafais na velha carroceria, desconjuntada pelo uso e já corroída por ferrugem.

Mirza Asadullah Khan: Foi o maior poeta do Império Mughal e é considerado um dos mais populares escritores da língua urdu, falada no Paquistão. Se estivesse vivo, teria hoje 217 anos.

Tappey: O mais antigo e popular gênero de poesia pashtun. É composto de dois versos, o primeiro sempre mais curto, com nove sílabas; o segundo, com treze. As meninas do vale do Swat gostam de brincar de inventar versos e ganha o jogo quem fizer as melhores rimas. No Afeganistão, esse tipo de poesia também faz parte do folclore e é chamado de landay.

Em seguida, o homem pulou na traseira do dyna.

“Qual de vocês é Malala?”, perguntou.

Seu tom era grave, embora não tivesse exatamente esbravejado. Apoiava-se com os pés no estribo, segurando com a mão esquerda na armação de ferro que dava suporte à cobertura de plástico da caçamba, onde viajavam vinte alunas e três professoras da Escola Khushal. Na mão direita, ele tinha o dedo no gatilho de uma pistola. Seu nome, soube-se mais tarde, era Attaullah, e, como a maioria dos homens das montanhas, ele não tem sobrenome nem conhece a idade exata, mas estima-se que estava na casa dos vinte anos. Soube-se ainda que cumpria ordens do mais temido comandante dos talibãs: o barbaças Fazlullah. O Mulá Rádio!

À pergunta do estranho, num ato instintivo e involuntário, as meninas viraram os olhos em direção a Malala e o mundo congelou. No imaginário

delas, aquele momento duraria uma eternidade, embora não tenha levado mais do que dez segundos.

“Eu pensei que fosse alguém querendo encontrá-la”, me disse Shazia. Por isso, não sentiu medo.

“Deve ser só um garoto estúpido querendo zombar da gente”, concluiu Kainat. Porém, em seguida, ela viu a pistola na mão do desconhecido e soltou um grito, “o mais alto e agudo que todo o vale já ouviu”, em suas próprias palavras.

— Pare de gritar, senão... — disse o homem. Mas antes mesmo de terminar a frase, ele reconheceu Malala. Ao ouvir seu nome na voz do estranho, ela tinha se virado intuitivamente na direção dele. Era a única, entre as meninas, que não tinha o rosto coberto pelo shawl.

Então ele atirou.

Três vezes!

O primeiro tiro atingiu Malala.

A segunda bala perfurou o ombro de Shazia, que tinha se curvado para socorrer a amiga, e foi parar no braço direito de Kainat. Outro tiro feriu a mão esquerda de Shazia. Malala caiu para a frente, a cabeça sobre o banco forrado de plástico. Uma das professoras cobriu seu rosto com o véu, que era branco e ficou vermelho. Uma poça se formou rapidamente no chão, entre os pés das meninas, e um cheiro estranho ocupou o ambiente: cheiro de sangue e pavor.

Os bandidos fugiram de moto por uma viela e desapareceram.

— Acorda! Levanta, Malala! Acorda! — Moniba gritava.

— Olhe para mim, me ajude, eu também fui baleada! — berrava Kainat para Shazia.

— Não posso mexer o braço e alcançar você — respondeu Shazia, que também tinha sido ferida e só chorava.

Na cabine da frente, a professora Rubi tinha a metade do corpo para fora da janela e balançava o braço no ar para que os carros, riquixás e carroças saíssem da frente. Com o rosto encharcado de suor e os olhos esbugalhados, o motorista grudara a mão na buzina e o pé no acelerador. Assim, iam abrindo o caminho para o dyna passar em direção ao Hospital Central de Saidu Sharif.



No hospital, Malala foi retirada às pressas e levada à sala de emergência. Para trás, no chão do ônibus escolar, deixou um dos sapatos e a mochila do Harry Potter.

— Quem mais foi baleada? Quem está ferida? — perguntavam os médicos, à medida que as meninas desciam do dyna.

Enquanto o drama se desenrolava no centro de emergência, Ziauddin foi avisado. Ele estava em um evento no Clube de Imprensa do Swat e não imaginava que a filha havia passado desacordada à porta. Minutos depois, seu celular tocou. Ele reconheceu o número da Escola Khushal, mas, como se preparava para discursar, passou o aparelho a Ahmed Shah. Amigos de longa data, eles se conheciam pelo olhar e, enquanto falava à plateia, Ziauddin notou a expressão preocupada de Ahmed ao telefone. “Ziauddin logo entendeu que algo de ruim tinha acontecido com Malala. Seu rosto perdeu a cor. Ele ficou branco”, me disse Ahmed, quando fui conhecer sua escola em Mingora.

Ahmed e os amigos lotaram um jipe e levaram Ziauddin às pressas para o hospital; a diretora da escola, Maryam, chegou logo atrás, levada pelo marido na garupa de uma bicicleta.

— Malala! Malala! Você está bem? Você pode me ouvir? Sou seu pai — perguntava Ziauddin ao encontrar a filha desacordada.

— Malala, sou eu, Maryam. Você consegue me ouvir? — chamava a diretora.

Mas Malala já não podia ouvir.

— Ela está bem, doutor? Ela vai sobreviver? Por favor, me diga, minha filha vai sobreviver? — repetia Ziauddin, alternando o olhar entre o médico e o amigo Ahmed Shah. “Não sabíamos o que dizer a ele”, me contou Ahmed depois.

O médico que atendeu Malala naquele dia — Mohammad Ayub é seu nome — me confessou mais tarde que o hospital não tinha condições de salvá-la. Era um hospital muito simples e o único do vale do Swat.

Àquela altura, a notícia já tinha se espalhado e todos pediam pela vida de Malala. Então, o todo-poderoso comandante das Forças Armadas do Paquistão, general Ashfaq Parvez Kayani, mandou um helicóptero ao vale do Swat para resgatá-la. Ela foi transferida para o Hospital Militar de Peshawar, a capital da província de Khyber Pakhtunkhwa.

Ziauddin e Maryam viajaram com ela no helicóptero. Malala piorava a cada minuto. “Às vezes, parecia que ia reagir. Certa hora, tentou limpar o sangue com o próprio véu. Eu disse a Ziauddin: ‘veja, ela está reagindo!’. Mas logo ela fechava os olhos novamente. Quando sentia dor, Malala segurava a minha mão com muita força. Nós a vimos numa situação muito crítica ali”, relatou Maryam.

Já era noite quando a mãe e os irmãos de Malala chegaram ao hospital em Peshawar. Numa sala adjacente ao quarto onde estava a filha, ajoelhada no chão frio, Tor Pekai passou a rezar. Os meninos, Atal e Khushal, choravam.

Na sala da unidade de tratamento intensivo, o rosto de Malala perdia a cor e o brilho. “Ela é uma menina tão forte! Parecia não querer se render aos ferimentos. Às vezes ficava agitada e tentava tirar do dedo o aparelho de medir os batimentos cardíacos. Eu dizia: ‘Malala, não faça isso!’. Houve um momento em que ela murmurou: ‘Não brigue comigo’. Foi a última coisa que ela falou. Depois disso, seu rosto começou a ficar cada vez mais branco e sem expressão”, disse Maryam.

Ziauddin entrou na sala, foi ao lado do leito de Malala e beijou a testa da filha. Tentou falar com ela mais uma vez, mas Malala já não respondia.

Khyber Pakhtunkhwa: Terra dos pashtuns, província onde fica o vale do Swat.



— Ela vai sobreviver, doutor? Ela foi ferida na cabeça e eu não acho que vai sobreviver... O que o senhor acha? O senhor acredita que ela vai sobreviver? — perguntava Ziauddin. Ele estava desesperado.

“Estávamos perdendo as esperanças. Mas, não sei por que motivo, na minha cabeça e no meu coração, eu tinha certeza de que ela viveria”, me contou Maryam.

— Insh’Allah, ela vai sobreviver — respondeu o médico, então. Mas, àquela altura, ele já não podia ter certeza daquilo.

Era perto de meia-noite quando Malala mergulhou em um sono profundo, tão profundo que o seu coração quase parou de bater. O corpo frágil, por fim, se rendia ao tiro.

Insh’Allah: Expressão em árabe que quer dizer “Se Deus quiser”.



## 10.

Foi esse tiro que me levou ao vale do Swat.

Quando visitei a Escola Khushal, o lugar de Malala estava vazio, e a entrada era vigiada por dois policiais armados. Na classe dela estudavam trinta e uma meninas — trinta e uma menos uma. Moniba, sua melhor amiga, havia talhado o nome Malala na carteira onde sentavam juntas e decretado: só será ocupada quando a Malala voltar. Mas ainda não se sabia se a amiga voltaria...

No terraço, havia um grande cartaz com uma foto da Malala, e nos corredores, colados nas paredes, dezenas de cartões enviados por pessoas do mundo inteiro, com votos de melhoras.

*Querida Malala,*

*sua coragem e força são uma inspiração para todos nós. Desejamos que você, Shazia e Kainat se recuperem logo e tenham apoio em sua luta pela educação.*

O clima depois do atentado ainda era de medo. Por causa disso, as alunas da Escola Khushal tinham sido orientadas a não conversar com estranhos. E eu era uma estranha naquele lugar. Mas as meninas do vale do Swat sempre foram muito corajosas, então, vendo que eu era apenas uma jornalista, bolaram um jeito de falar comigo: passando-me bilhetes escondidos!

Em um dos bilhetes havia três endereços.

O inverno se aproximava e o clima começava a mudar. Minha viagem estava chegando ao fim e eu ainda tinha uma missão: ir até aqueles

endereços misteriosos que as colegas de Malala haviam me passado.

Então, numa manhã de céu fechado e chuva fina, eu segui pelas ruas de terra, que aos poucos se transformava em lama, até chegar a um beco sinistro. O lixo se acumulava e as portas fechadas do que pareciam ser pequenos comércios enferrujavam. O cenário era de abandono. O beco tinha acesso pela Praça Gulshan, transformada em campo de batalha durante a guerra e agora ocupada por tanques do Exército. No número escrito no papel, havia uma portinhola de madeira que dava acesso a uma escada. Bati palmas, mas ninguém atendeu. Subi. Foi somente quando afastei a cortina, depois do último degrau, que avistei Shazia, a menina que estava sentada ao lado de Malala no *dyna* naquele dia tenebroso e que também tinha sido baleada.

Shazia me recebeu com um sorriso tímido.

Ela tinha acabado de sair do hospital, depois de um mês de internação para tratar os ferimentos no ombro e na mão, e ainda se recuperava do trauma. Encontrei-a sozinha, lendo um caderno com mensagens das colegas da escola, o véu preto cobrindo-lhe os cabelos e parte do corpo. Ela vivia ali, com os pais e dois dos oito irmãos. Quando cheguei, a mãe cozinhava num fogão a lenha no pequeno terraço e a fumaça que exalava dos panelões inebriava o ar com o aroma agridoce de chutney.

Passamos a manhã juntas, conversando em seu quarto, decorado com tapetes coloridos, almofadas bordadas e guirlandas de flores. Foi quando ela me contou tudo o que aconteceu naquele dia sombrio, mas as lembranças ainda a deixavam ansiosa. Ao falar, tinha a respiração curta e o coração acelerado.

Chutney: condimento originário da Índia e muito popular no Paquistão.

— Tem medo? — eu perguntei.

— Um pouquinho — Shazia confessou, com a voz frágil, quase inaudível. Mas disse que esse pouquinho ia ficando menor e ela mais forte a cada dia.

Na noite anterior ao atentado, Shazia me contou, ela havia sonhado com um tiro. Não conseguia se lembrar de onde estava nem do rosto do algoz. As imagens eram turvas em sua mente ao mesmo tempo sonolenta e vigilante,

como eram as noites mal dormidas das meninas do vale do Swat desde os conflitos. Shazia acordara com o próprio grito, encharcada em suor, e sentira-se aliviada ao perceber que era apenas um sonho. Muitas vezes antes, quando o vale estava em guerra, ocorrera o contrário: pensava estar tendo um pesadelo quando era realidade. Naquela noite, ela teve dificuldade para voltar a dormir, mas, no dia seguinte, concentrada na prova, esqueceu-se daquilo.

Foi quando tudo aconteceu que Shazia se lembrou: o sonho!

Shazia ainda não conseguia dormir bem quando nos encontramos, por causa das más lembranças, que demoravam a passar. Mas já tinha outros sonhos: três, para ser exata. O primeiro era voltar a estudar, o segundo, tornar-se médica, e o terceiro, ajudar outras meninas a ir para a escola.

Não eram sonhos tão fáceis quanto para muitas crianças que podem ir para a escola todos os dias. Não deveria ser assim, mas ir para a escola continuava sendo perigoso no vale do Swat e, depois do atentado, o Exército decidiu que Shazia só voltaria a estudar acompanhada por soldados. Já imaginou?

— Agora é muito difícil ir a qualquer lugar. Tenho que pedir autorização para minha mãe, que pede para o meu pai, que pede para o policial, que pede para o chefe dele, que pede para o Exército, que decide e informa o policial, que informa meu pai... Preciso de pelo menos uma hora até ter autorização só para deixar a casa! — disse Shazia, rindo muito do próprio drama.

No dia anterior à nossa conversa, ela havia saído de casa pela primeira vez para visitar uma amiga. O policial a levou em um riquixá. Shazia e eu rimos ao imaginar a cena.

Enquanto conversávamos, o tal policial armado entrou no quarto e sentou-se na beirada da cama sem pedir licença. Queria escutar o que falávamos e eu decidi que estava na hora de ir embora.

Me despedi de Shazia e prometi manter contato.

— Insh'Allah! — ela disse.

Fui embora pensando em como a vida das meninas no vale do Swat é difícil e em como eu sou privilegiada por ter frequentado a escola, sem que isso representasse qualquer perigo, embora as coisas não sejam assim para

muitas crianças também no meus país.

Pensativa, segui meu caminho até o segundo endereço escrito no bilhete, um quilômetro adiante, pelas vielas de muros altos, tão típicas do Swat.

Assim que dobrei a última esquina, depois de um campo de areia onde meninos jogavam críquete, encontrei dois policiais fortemente armados — acho que eles se assustaram mais comigo do que eu com eles. Antes de perguntar-lhes qualquer coisa, espiei pela fresta da porta entreaberta e reconheci Kainat, de pele muito branca e bochechas rosadas com as primeiras espinhas da adolescência que em nada reduziam sua beleza. Ela usava véu preto, pincelado por pequenas flores na cor lilás, combinando com a túnica bordada e enfeitada com uma faixa de renda cor-de-rosa, a cor preferida de Kainat, como de Malala; e tudo combinando com as meias de listras coloridas. As pantufas eram um sinal de que não pretendia sair. Ela me convidou a entrar.

Desde o atentado, Kainat quase não colocava o nariz para fora. Sentia-se “deprimida e entediada”, em suas próprias palavras. Só uma vez, exatos vinte e quatro dias depois, os militares permitiram que visitasse as colegas de classe na Escola Khushal. Mas a visita só durou duas horas e, por ordem dos soldados, ela teve de voltar. Fora essa pequena aventura, Kainat passava as tardes na companhia do pai, sempre ao seu lado, em um shalwar kameez impecável; um homem baixinho e rechonchudo, com escassos fios de cabelo alinhados para o lado, um portentoso bigode e voz tão doce quanto a da filha.

No dia em que tudo aconteceu, Kainat ficou tão apavorada que se recusou a descer do dyna e obrigou Usman Ali, o motorista, a levá-la para casa, mesmo ferida. Ao vê-la chegar com a roupa suja de sangue e tremendo, o pai teve um ataque nervoso e quase foi parar no hospital com ela. Ficou tão preocupado com a segurança da filha que nunca mais a deixou sozinha, apesar da presença dos dois policiais que vigiavam a porta dia e noite.



A casa da família fica em Makan Bagh, adjacente ao Grassy Ground, um campo de críquete herdado dos britânicos, usado pelos homens das montanhas para o castigo e a execução de condenados — um teatro público do terror. Desde aqueles tempos, Kainat sentia o coração apertado. Nos dias que antecederam o atentado, a sensação tinha ficado ainda mais forte. “Havia uma tristeza profunda em mim, um sentimento que eu não podia explicar”, ela me disse. Três dias antes de tudo acontecer, Kainat comentou com o pai sobre aquele sentimento ruim e pediu que ele a levasse a um lugar bonito, para que pudesse se distrair. A família decidiu fazer um passeio e o local escolhido foi o Palácio Branco, lembrança de tempos de paz no vale. Mesmo assim, o sentimento de tristeza não passava e Kainat, todo o tempo, sentia vontade de chorar.

Dados os eventos que se seguiram, muitos entenderiam o que aconteceu com as meninas naquela noite como premonição, mas lidar com a violência era rotina no vale do Swat. Cada uma em seu quarto, a poucas quadras de distância uma da outra, Malala, Kainat e Shazia tentavam diariamente superar seus medos e angústias.

— Quando estou sozinha, aquelas cenas voltam e eu sinto de novo o cheiro... Cheiro de sangue! — ela me confessou. Por causa dessas lembranças, Kainat passou a ter medo do escuro e, quando dormia, sonhava em vermelho.

Ela dividia o quarto com a irmã e dois irmãos, que a estavam ajudando a atravessar aqueles tempos difíceis. No outro quarto, dormiam os pais. A comida era preparada em um fogareiro. Tambores de plástico azul estavam espalhados no quintal para armazenar a água das chuvas. Não havia energia elétrica e, por isso, Kainat passava os dias no terraço, aproveitando a luz natural para ler.

Embora não tivesse voltado para a escola, Kainat fazia questão de continuar estudando, com a ajuda do pai, professor de ensino fundamental.

Temia que o homem que atirou nela, em Shazia e Malala voltasse para garantir que jamais fossem para a escola de novo. Mas algo de mágico havia acontecido.

— Por causa desse incidente, tomei coragem para lutar por educação! Se for a vontade de Deus, ninguém vai me impedir de realizar meus sonhos — Kainat me disse. Ao fundo, ecoava da torre das mesquitas o último chamado para a reza do dia.

— O Corão diz que a educação é compulsória para meninos e meninas. Talib quer dizer estudante — ela lembrou. — A educação nos afasta de males e demônios e nos leva na direção certa.

Desde que tinha 8 anos, Kainat passava as tardes estudando o Corão com outras meninas em uma madrassa improvisada na casa de uma vizinha. Caminhava para o terceiro estágio dos estudos religiosos, que era interpretar os textos. No primeiro estágio, aprendia a ler em árabe; no segundo, traduzia as palavras para o pashtun, com a ajuda de uma professora. Todas as meninas do Swat estudam o Corão em casa ou em uma madrassa. É mais ou menos como os cristãos que estudam para a primeira comunhão; ou os judeus que estudam para o bar/bat mitzvah.

— O que eu gosto muito em Malala é que ela continuou brigando e insistindo em advogar por educação, mesmo sabendo que corria riscos. Admiro o seu jeito. Isso nos dá coragem agora — prosseguiu Kainat, enquanto me mostrava fotos da amiga, que guarda em um velho

computador.

Ao final, Kainat me fez um pedido:

— Diga às meninas de todo o mundo que se tornem Malalas e lutem por educação até que todas possam ir para a escola.

Outro exemplo de coragem para Kainat é sua mãe, uma das poucas mulheres que trabalham no vale. Ela visita as casas ensinando as crianças a lavar bem as mãos, escovar os dentes, entre outras tarefas que envolvem os cuidados com a higiene e a saúde. No passado, Kainat a acompanhava e surgiu daí o desejo de se tornar médica, assim como Shazia ainda sonha e como Malala sonhou em ser um dia. Medicina é uma das poucas profissões que as mulheres podem exercer no Swat, as outras oportunidades ainda são dadas somente aos homens. É por isso que quase todas as meninas do vale sonham ser médicas.

No dia em que encontrei Kainat, seus olhos grandes e negros fitavam, através dos óculos retangulares de aro grosso, um livro de biologia. Era o mesmo que levava no colo no dia do atentado. Na última página, lia-se: *We want peace*. Nós queremos paz.

Um galo atrasado cantava a distância anunciando a hora de ir embora. Então, eu parti.

Mas havia ainda um lugar a visitar e, em meu último dia no vale do Swat, fui procurá-lo.

No endereço, anotado no papel, não passava carro. Um portão e alguns degraus davam acesso a um atalho, partindo da margem do rio, para a rua estreita e ladeada por muros altos. Continuamos a pé, eu na frente, Ejaz atrás de mim e Sana atrás dele. De repente, ouvi passos a mais no nosso caminho. Um estranho nos seguia! Viramos uma esquina e ele virou atrás de nós, apertamos o passo e ele apressou o ritmo. Até que Ejaz se irritou e, quando Ejaz se irrita, ele, que é um homem grande e tem um vozeirão, pode ficar tão assustador quanto um gigante bravo. “O que é que você quer?”, trovejou, virando-se abruptamente em direção ao homem, que desapareceu num susto. Ufa! Mais tarde, descobrimos que ele era um espião, enviado pelo governo para nos bisbilhotar.

Um espião de verdade!

Continuamos até que, no fim da rua, dei de cara com um homem armado. Ele vigiava, atento, uma casa de muro alto e portão cinza e tinha ordens para não deixar ninguém entrar.

Ainda não sei como o convenci. Eu não falava a língua dele, nem ele a minha. Mas, toda vez que isso acontece, eu uso as palavras mágicas que sempre ajudam nesses casos: Ronaldo, Ronaldinho, Neymar, Pelé... porque o mundo todo gosta do futebol do Brasil. “Ronaldo!”, ele repetiu, e assim, como num passe de mágica, nos tornamos cúmplices. Falávamos a mesma língua. Usando a arma para me apontar o caminho, ele abriu o portão e deixou que eu entrasse.

— Ande logo! Ninguém pode saber que está aí! — disse Sana, traduzindo as palavras do homem, por detrás do muro, como numa brincadeira de telefone sem fio.

No jardim coberto de primaveras floridas, reconheci a laranjeira ao pé da qual Malala costumava se sentar para ler à luz do dia. Aquela era a casa da Malala! Era térrea e com entrada pelos fundos. Na cozinha havia panelas espalhadas por todos os lados, como se alguém tivesse deixado o almoço por fazer. Na sala escura, os sofás estavam cobertos com lençóis e um velho computador jazia apagado em um canto. Do outro lado, avistei uma porta fechada.

Não pensei duas vezes: girei a maçaneta. A porta não estava trancada... Era o quarto da Malala! Mas ela não estava lá e encontrei um ambiente vazio e frio. O cobertor florido, seu preferido, estava dobrado ao pé da velha cama; a cortina vermelha, desbotada, era salpicada de estrelinhas que já não brilhavam.



Malala ainda dormia um sono profundo, agora em um lugar bem distante dali: um hospital em outro país, onde se recuperava do tiro. Ninguém sabia se voltaria a acordar um dia.

Tenho para mim que sonhava com a escola. Seu quarto está cheio de lembranças. Um caderno com palavras rabiscadas aqui. Lápis coloridos, pincel e nanquim noutro canto ali. Espiei de relance uma gaveta entreaberta e lá encontrei as provas de física e álgebra que Malala fez. No armário havia dois lindos shalwar kameez: um azul e um rosa, com bordados de cristais. Nas paredes, úmidas e já manchadas pelo mofo, o único enfeite era um quadrinho de flores. Será que Malala o pintou?

Era um quarto simples. Mas na pequena estante lá estava ele, em tamanho gigante, o prêmio que ela ganhou: um cheque de três milhões de rupias — mais de cem mil reais! — por lutar pela educação das meninas.

Antes de sair, girei os olhos pelo cômodo mais uma vez e uma linda foto me chamou a atenção: Malala com o pai, o professor Ziauddin, que a ensinou a gostar tanto da escola.

Àquela altura, porém, o soldado já gritava lá de fora...

Estava mesmo escurecendo e era melhor ir embora.



A viagem de volta para casa seria longa. Na estrada eu recordava as aventuras que vivi e me lembrei de quando ouvi no rádio a ameaça para que jornalistas não viajassem ao vale do Swat. Agora a salvo, liguei o rádio do carro e ouvi outra notícia. Dessa vez, uma notícia boa: a de que Malala havia acordado do sono!

Ela estava em um hospital para tratamento de feridos de guerra, o Queen Elizabeth Hospital. Fica na Inglaterra, a terra da rainha — aquela mesma, que visitou o vale do Swat um dia. Malala tinha sido transferida para esse hospital enquanto dormia. Ao acordar, percebeu que estava sozinha em um lugar estranho. Tinha dificuldade para respirar e já não podia sorrir. A bala

tinha ferido o lado esquerdo de seu rosto delicado. Por um instante, Malala ficou triste ao se olhar no espelho. Mas logo voltou a se sentir feliz, porque estava viva!

O pai, a mãe e os irmãos viajaram para a Inglaterra e seu reencontro foi muito emocionante.

— Na noite passada, quando nós a reencontramos, havia lágrimas em nossos olhos, mas eram de felicidade, fe-li-ci-da-de! — disse Ziauddin, logo depois de a filha acordar.

Enquanto Malala dormia, sua vida mudou. E o mundo mudou um pouquinho também.

A notícia de sua quase morte tinha se espalhado como um “fogo na floresta”, me disse seu tio, Ahmed Shah, e ele tinha razão.

Com o atentado, os homens das montanhas pretendiam calar Malala, mas o feitiço virou contra os feiticeiros. No lugar disso, eles fizeram com que sua voz se tornasse ainda mais forte. Malala passou a ser ouvida nos quatro cantos e fez novos amigos no mundo inteiro. Todos acenderam velas e fizeram vigília por sua recuperação.

Rupia: Moeda do Paquistão, assim como o real é a moeda do Brasil.

Malala ficou quatro meses internada e passou por quatro cirurgias.

Adivinhem qual foi a primeira coisa que Malala pediu que levassem para ela no hospital, quando acordou? Livros! Devagarzinho, ela recomeçou a ler e a escrever. Já respirava melhor e, aos poucos, voltou a falar e a ouvir. Ela emocionou o mundo com um discurso feito na ONU!

Sua luta pela educação das meninas ganhou atenção global e milhares de pessoas se uniram a ela. Malala recebeu doações para ajudar milhões de meninas e meninos que ainda estão fora da escola. Ela entrou para a lista das cem pessoas mais influentes do mundo e se tornou a mais jovem ganhadora do prêmio Nobel da paz!

Cinco meses e dez dias depois do tiro, Malala estava de volta à sala de aula, em uma escola só para meninas, chamada Edgbaston High School, na cidade inglesa de Birmingham, onde a família agora vive.

— Eu realizei um sonho. Penso que é o momento mais feliz da minha

vida porque estou voltando para a escola. Hoje eu tenho meus livros, minha mochila, e vou aprender... Eu quero aprender sobre política, sobre direitos sociais e sobre a lei. Eu quero aprender sobre como posso mudar o mundo — ela disse, no primeiro dia de aula. O primeiro dia do resto de sua vida.

E Malala voltou a sorrir. Porque continuava sendo apenas uma menina que queria ir para a escola.

ONU: Organização das Nações Unidas fundada em 1945, logo após a Segunda Guerra, com o compromisso de garantir a paz internacional e tornar o mundo um lugar melhor para se viver, onde todas as pessoas tenham os mesmos direitos.

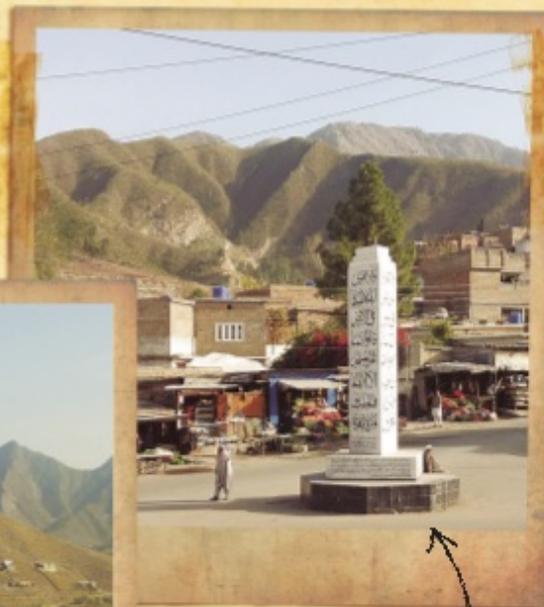
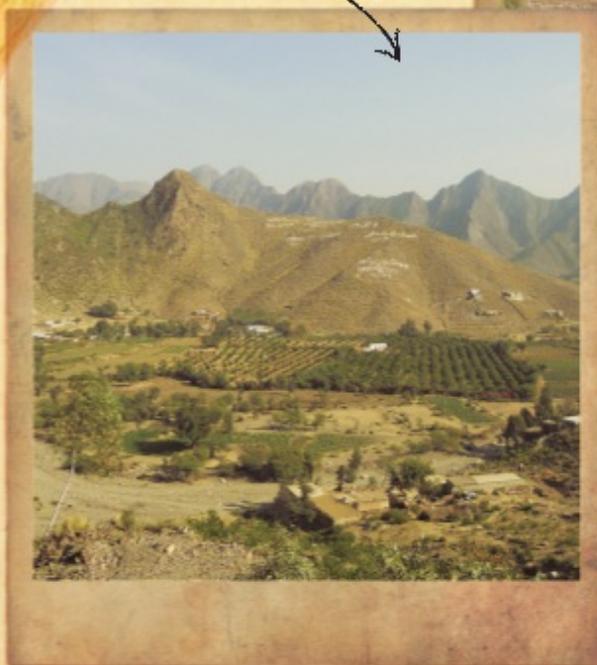
Nobel da paz: É um prêmio internacional muito importante dado a pessoas que ajudam a resolver problemas e contribuem com a paz no mundo.



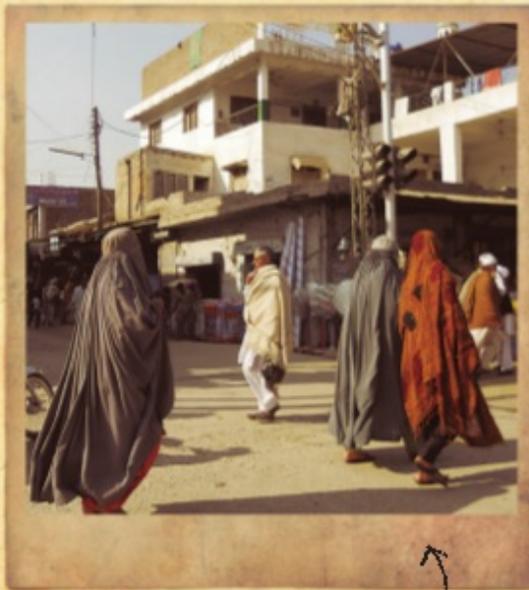
## Caderno de fotos

As fotos foram tiradas pela autora, Adriana Carranca, e fazem parte de seu arquivo pessoal, a menos que indicado o contrário.

Vista da estrada para o vale do Swat.

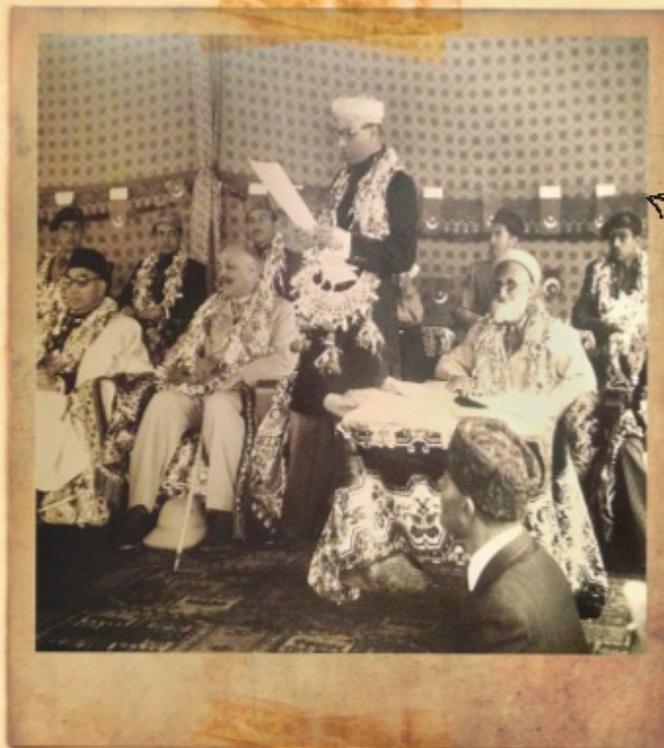
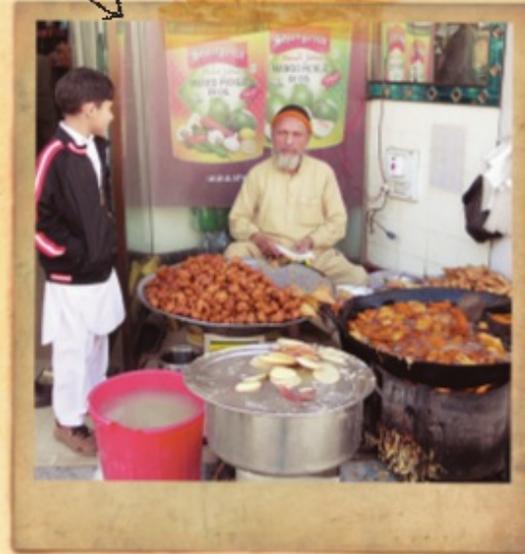


Praça principal de Saïdu Sharif, capital do vale do Swat.

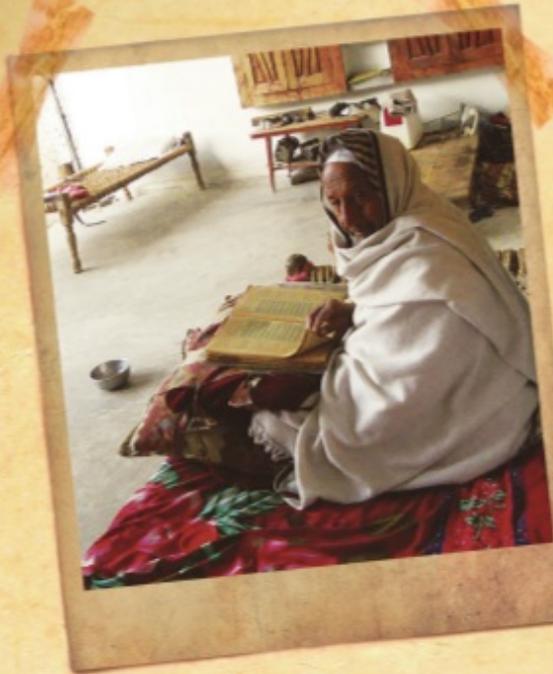


Mulheres usam burca para sair às ruas em Mingora, cidade de Malala.

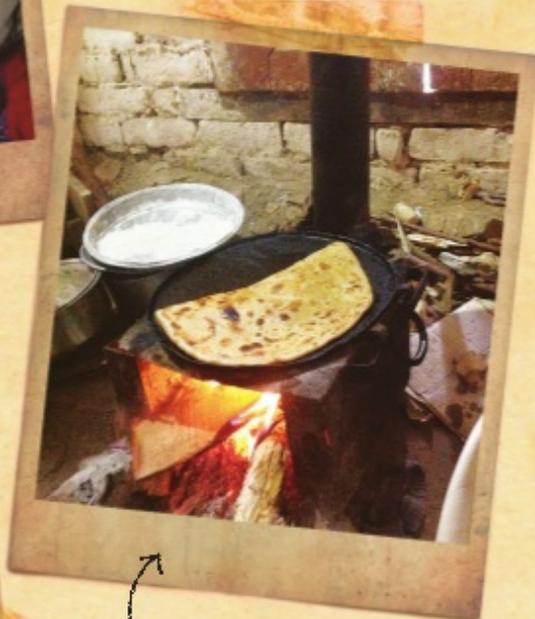
Comerciantes vendem comidas típicas do vale do Swat, como paratha e samosa (minipastéis triangulares e fritos, de carne, frango ou vegetais).



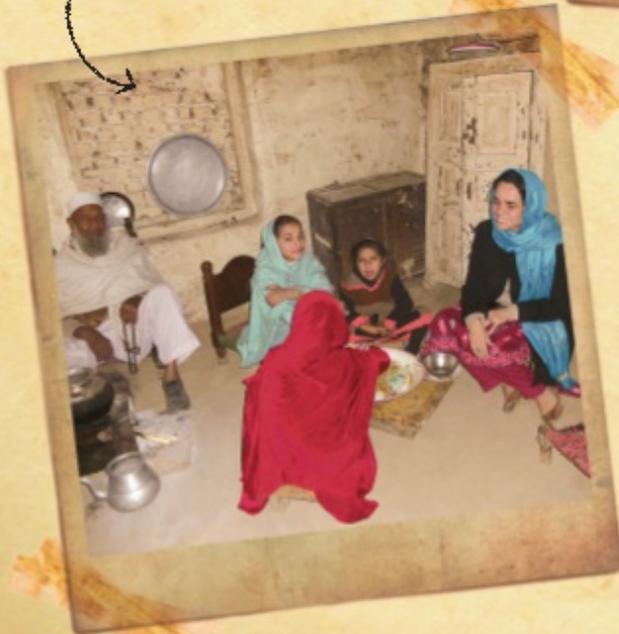
Cerimônia de passagem da coroa do 1º wali do Swat, Miangul Goshahzeda Abdul Wadud, para seu filho, Miangul Abdul Haq Jahanzeb, em 12 de dezembro de 1949. Eles são o bisavô e o avô do príncipe do Swat, Adnan.



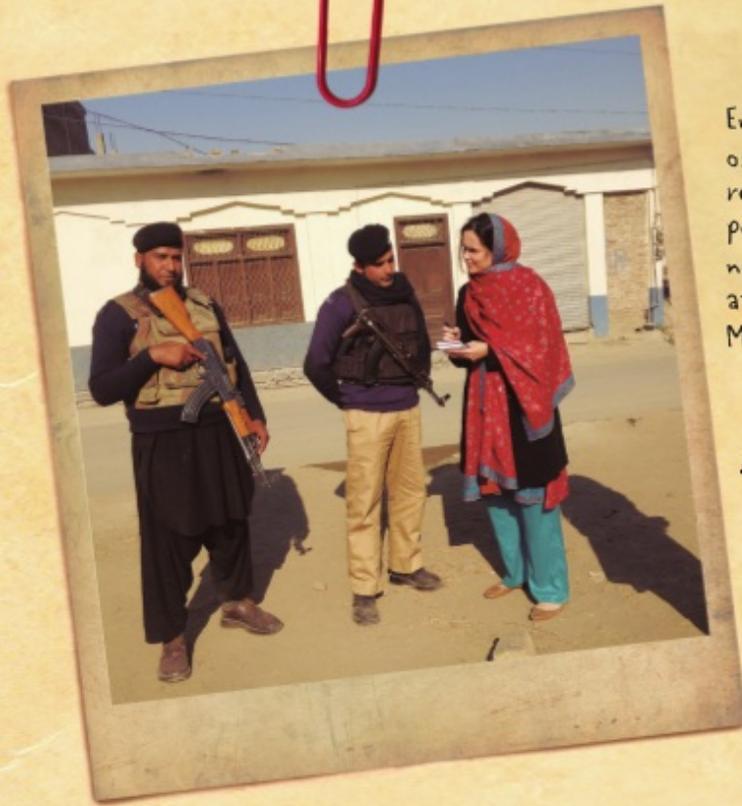
Velho Mohib.



Sentada com as crianças, na casa onde fiquei hospedada, à espera de ouvir as histórias contadas todas as noites pelo velho Mohib (ao fundo).

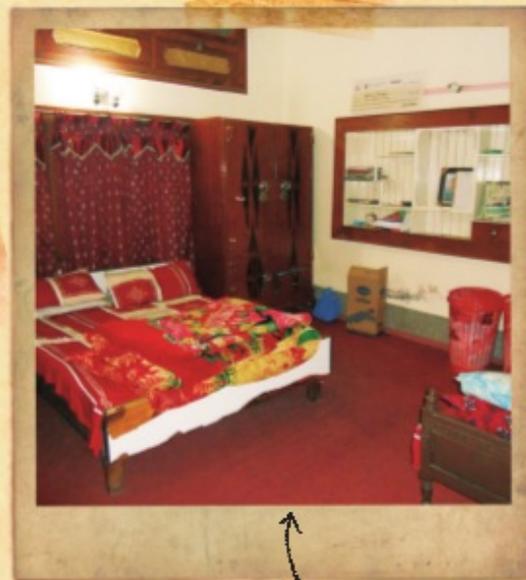
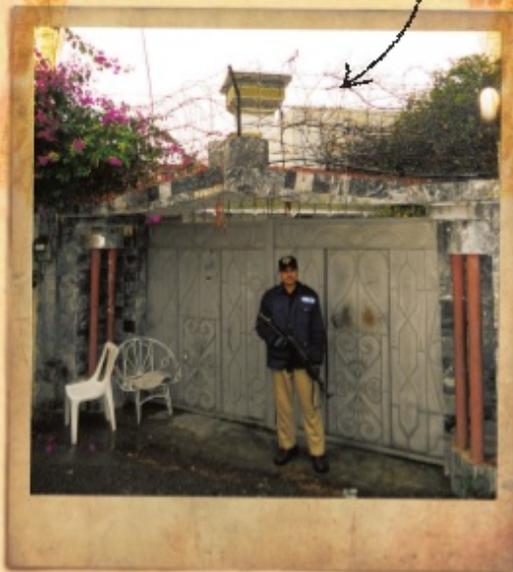


O chipati — ou paratha — sai quentinho e gostoso do forno à lenha da casa.



Entrevistando os soldados responsáveis pela segurança no local do atentado contra Malala.

O portão da casa de Malala, em Mingora, agora vigiada por um policial...



E seu quarto.



Malala na escola (foto cedida pelo professor Fazal Khaliq).

Alunas da Escola Khushal se reúnem no terraço todas as manhãs antes das aulas para discutir os problemas do vale do Swat.

2010-01-10

Kainat, na cozinha de sua casa, em Mingora.



Shazia me ajuda a usar o véu.

## AGRADecIMENTOS

Relatar em detalhes a história de Malala Yousafzai desde a infância até o atentado contra ela e o drama vivido pela família nos dias que se seguiram só foi possível graças aos depoimentos generosos, em entrevista à autora, de testemunhas oculares dos acontecimentos: Kainat Riaz e Shazia Ramzan, as duas alunas da Escola Khushal baleadas no mesmo atentado; Rida e outras colegas de classe de Malala; o professor da Escola Khushal, Fazal Khaliq, e a diretora, Maryam Khalique, carinhosamente chamada pelas alunas de madame Maryam; Ahmed Shah, considerado como um tio para Malala e o amigo mais próximo de Ziauddin Yousafzai, que estava com ele no momento em que recebeu a notícia do atentado e o acompanhou durante todo o tempo até a viagem da família para a Grã-Bretanha; o médico Mohammad Ayub, o primeiro a socorrer Malala quando ela chegou ferida ao Hospital Central de Saidu Sharif; Samar Minallah, amiga próxima da família Yousafzai, de etnia pashtun e documentarista com trabalhos sobre a condição das meninas no vale do Swat; a ativista por direitos humanos e professora de estudos do gênero Farzana Bari, da Universidade Quaid-e-Azam, de Islamabad, autora de uma pesquisa sobre o impacto da “talibanização” do vale do Swat nas mulheres; o engenheiro e ex-parlamentar Miangul Adnan Aurangzeb, conhecido como o príncipe do Swat, herdeiro do primeiro wali do Swat e o próximo na linha sucessória ao posto; Usman Ul-Asyar, outro amigo próximo de Ziauddin, historiador e presidente da Associação Svastu, com sede em Mingora, que busca preservar a arte e a cultura pashtun. Sou profundamente grata a eles.

Um agradecimento especial a Matinas Suzuki, diretor executivo da Companhia das Letras, que me convidou para escrever um livro sobre Malala. Por sua generosidade e confiança.

A Júlia Moritz Schwarcz, editora do selo Companhia das Letrinhas, por acreditar neste projeto desde o início e recebê-lo com tanto carinho e cuidado; e a toda a equipe que participou da produção deste livro, especialmente Mell Brites, Helen Nakao e Camila Mary.

À ilustradora Bruna Assis Brasil, pelo talento e sensibilidade com que deu vida às palavras.

Ao embaixador Alfredo Leoni e sua equipe na Embaixada do Brasil no Paquistão e Afeganistão, pelo apoio. Um agradecimento especial ao amigo e diplomata Thomaz Napoleão, primeiro secretário da embaixada entre 2011 e 2014, por dividir comigo seu extenso conhecimento sobre o Paquistão e o povo pashtun e por toda a ajuda pessoal durante o período em que estive no país.

A Sana ul-Haq e família, por demonstrarem no dia a dia o valor da hospitalidade pashtun e pela generosidade de me receberem em sua casa, mesmo conhecendo os riscos de abrigar uma jornalista em uma região onde não somos bem-vindos. Um ano depois de minha visita, Sana foi sequestrado, interrogado e torturado durante 11 horas por homens desconhecidos, por ajudar dois repórteres do jornal americano *The New York Times* a garimpar informações relacionadas ao atentado contra Malala, segundo lhe disseram os sequestradores.

Ao amigo Matthew Green, então correspondente da agência Reuters em Islamabad, e ao repórter Declan Walsh, do *New York Times*, pelos contatos valiosos. Walsh foi expulso do Paquistão pelo governo seis meses depois de minha visita, em maio de 2013, durante a cobertura da campanha para eleições gerais no país.

Um agradecimento especial à brasileira Cristina von Sperling e à jornalista canadense Kathy Gannon, da agência *Associated Press*, ambas vivendo no Paquistão há mais de vinte anos, por sua generosidade e por me ajudarem a chegar ao vale do Swat. Em abril de 2014, Kathy sofreu um atentado a tiros, durante a cobertura das eleições presidenciais no Afeganistão. A fotógrafa que a acompanhava, Anja Niedringhaus, morreu no ataque. Sua coragem e perseverança servem de inspiração.

Ao professor Claudio Fragata, autor de livros infantis e ganhador do Prêmio Jabuti em 2014 com *Alfabeto Escalafobético*, e à jornalista Bia Reis,

editora-assistente do jornal *O Estado de S. Paulo* e autora do blog Estante de Letrinhas. Pela leitura cuidadosa e por suas sugestões valiosas.

Ao diretor de redação do jornal *O Estado de S. Paulo*, Ricardo Gandour, ao editor executivo, Roberto Gazzi, e à editora-chefe, Cida Damasco, pelas oportunidades e pelo carinho. Ao editor de Internacional, Roberto Lameirinhas, e sua equipe, pelo aprendizado e torcida.

Ao tenente-coronel Muhammad Mumtaz Khan, das Forças Armadas do Paquistão, por disponibilizar as imagens das duas operações militares lançadas contra os talibãs no vale do Swat, em 2007 e 2009; e ao major-general Asim Saleem Bajwa pela autorização para entrar no vale do Swat, sob o cerco do Exército, menos de um mês após o atentado contra Malala.

Para meu marido, Jacyr V. de Quadros Jr., por me esperar, sempre, e por nunca me deixar desistir.

Para minha família. Em especial, à minha mãe, Teresinha Maria Carranca, por me ajudar a gostar da escola e a cumprir com prazer as lições de casa. A participação dos pais no processo de educação é fundamental.

## NOTAS DA AUTORA

Quase um ano após o atentado, Kainat Riaz e Shazia Ramzan também se mudaram para a Inglaterra, onde voltaram a estudar.

Antes da criação da Linha Durand, a fronteira de 2.640 quilômetros entre o Afeganistão e Paquistão que separou os pashtuns em 1893, eles eram chamados, de forma generalizada, como “afegãos”. Também são chamados de “pathans”.

Os “afegãos” entraram em guerra com os britânicos três vezes: 1839-42, 1878-80 e 1919. Incapaz de controlar os povos da fronteira, a Coroa Britânica estabeleceu na região principados semi-independentes, como o Swat, em 1926, que permaneceu autônomo após a independência da Índia e criação do Paquistão. O principado foi dissolvido em 1969 e o Swat incorporado à província de Khyber Pakhtunkhwa.

A obra mais completa sobre a história dos pashtuns é o livro de Olaf Caroe, *The Pathans 550 B.C. — A.D. 1957*, Oxford University Press, 1958, que serviu de referência para este livro.

As citações sobre a passagem de Alexandre, O Grande por terras pashtuns constam no livro de Frank Holt, *Into the Land of Bones: Alexander the Great in Afghanistan*, University of California Press, Los Angeles, Califórnia, 2005.

A descrição de Heródoto sobre paktuike está em *As Histórias*, livro 3, como citado no livro de John Murray, *Travels into Bokhara*, Londres, 1834, pp. 162-3.

As duas cenas descritas nos penúltimos parágrafos das páginas 44 e 56 foram capturadas no documentário de Adam B. Ellick, *Class Dismissed*, publicado em 22 de fevereiro de 2009 no site do jornal *The New York Times*, assim como detalhes da vida de Malala durante o refúgio e a volta da família

Yousafzai para casa. Para assistir à íntegra do filme, em inglês, acesse <[www.nytimes.com/video](http://www.nytimes.com/video)>.

A frase de Malala reproduzida no início do capítulo 7 foi dita em entrevista ao jornalista Syed Irfan Ashraf, do jornal paquistanês *Dawn*, em dezembro de 2011. Leia o texto na íntegra, em inglês, em

<<http://www.dawn.com/news/678566/heroes-of-swat>>

A frase de Malala reproduzida no capítulo 8 foi dita em entrevista à rede de tv americana CNN também em 2011. Para assistir à íntegra da entrevista, em inglês, acesse

<<http://edition.cnn.com/videos/world/2012/10/10/sayah-2011-interview-malala-yousufzai.cnn>>.

Para ler a íntegra do blog escrito por Malala sob o pseudônimo de Gul Makai, acesse:

Parte 1: <[news.bbc.co.uk/2/hi/south\\_asia/7834402.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/7834402.stm)>

Parte 2: <[news.bbc.co.uk/2/hi/south\\_asia/7848138.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/7848138.stm)>

Parte 3: <[news.bbc.co.uk/2/hi/south\\_asia/7861053.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/7861053.stm)>

Parte 4: <[news.bbc.co.uk/2/hi/south\\_asia/7881255.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/7881255.stm)>

Parte 5: <[news.bbc.co.uk/2/hi/south\\_asia/7889120.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/7889120.stm)>

O número de 400 escolas destruídas após os conflitos no vale do Swat consta no relatório *Education Under Attack*, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), publicado em 2010.

Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001868/186809e.pdf>>.

A informação de que mais de 2 milhões de moradores deixaram o vale do Swat e arredores durante os conflitos consta em relatórios da Agência da ONU para Refugiados, divulgados em 2010. Acesse <<http://www.unhcr.org/4bdaeb646.html>>.

## SOBRE A AUTORA

Quando eu era criança, não tínhamos dinheiro para viajar. Sentávamos, eu e meu avô, na pequena escada que dava acesso ao chalé de madeira onde ele vivia com minha avó, meu tio e minha tia-avó, outra tia e dois primos — parecia até uma casa pashtun! Era lá que eu passava as tardes depois da escola, enquanto meus pais trabalhavam. Meu avô se sentava no primeiro degrau, eu no terceiro. “Para onde a senhora deseja viajar, madame?”, ele perguntava. Eu respondia um destino qualquer e lá íamos nós, montados em nosso ônibus imaginário. Meu avô adorava andar de ônibus e quando tinha um tempinho livre apanhava o circular e ficava dando voltas pela cidade. Assim conheceu, da praia ao porto, cada canto de Santos, a cidade onde eu nasci. Aquela era a sua maneira de viajar. Meu pai tinha outra: os livros. Nos fins de semana, percorríamos o mundo juntos pelas páginas de uma enciclopédia que ele havia colecionado em fascículos e mandado encadernar com uma linda capa vermelha. Quando eu cresci, quis conhecer os lugares que visitara na infância com meu pai e meu avô; e, como eles, quis contar histórias reais sobre o mundo. Por isso resolvi ser jornalista.

Hoje sou repórter especial do jornal *O Estado de S. Paulo* e escrevo para publicações internacionais. Reportagens minhas já foram publicadas em revistas como a americana *Foreign Policy* e a edição francesa da *Slate*. Cobri a guerra no Afeganistão e Paquistão, onde estava quando o líder da Al-Qaeda, Osama bin Laden, foi morto em uma operação dos Estados Unidos. Mergulhei no universo de países muçulmanos como Irã, Egito e Indonésia e nos territórios palestinos para reportagens especiais. Vi de perto os conflitos na República Democrática do Congo, Sudão do Sul, Uganda.

Escrevo principalmente sobre conflitos, tolerância religiosa e direitos

humanos, com um olhar especial sobre a condição das mulheres, porque considero esses assuntos importantes. Aprendi muito sobre eles no mestrado em Políticas Sociais e Desenvolvimento que fiz na London School of Economics (LSE), após estudar jornalismo. Em seguida, fui correspondente na ONU, em Nova York, e pesquisadora convidada do Instituto Reuters para Estudos do Jornalismo, na Universidade de Oxford; e integrei o Projeto de Reportagem Internacional, da Universidade Johns Hopkins, de Washington. Escrevi dois livros-reportagem para adultos: *O Irã sob o chador* (editora Globo), finalista do prêmio Jabuti, e *O Afeganistão depois do Talibã* (editora Civilização Brasileira). Com meu trabalho, recebi prêmios como menção honrosa no Prêmio Esso e duas edições do Prêmio Líbero Badaró.

O mais importante, para mim, é o conhecimento. Por conta da minha profissão, explorei os vales do Tigre e do Eufrates, do Nilo, do Jordão e do Swat; o planalto iraniano, berço do antigo Império Persa; os domínios dos antigos Impérios Romano e Britânico; as terras atravessadas no passado por conquistadores como Gengis Khan e Alexandre, o Grande, entre muitos e muitos outros lugares que antes só conhecia dos livros de história. Mas sempre que tenho alguma dúvida, volto à velha enciclopédia vermelha.

## SOBRE A ILUSTRADORA

Eu nasci em Curitiba em 1986. Formada em jornalismo e design gráfico, fiz pós-graduação em ilustração criativa e técnicas de comunicação visual na escola EINA, em Barcelona. Em 2012, recebi o prêmio 30 Melhores Livros Infantis do Ano, da revista *Crescer*. No ano seguinte, fui indicada ao prêmio Jabuti, na categoria Ilustração. Hoje, tenho mais de trinta livros publicados.

Copyright do texto © 2015 by Adriana Carranca  
Copyright das ilustrações © 2015 by Bruna Assis Brasil

Todos os direitos reservados, inclusive o de reprodução total ou parcial, em qualquer meio.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Preparação

Mariana Zanini

Revisão

Viviane T. Mendes

Ana Luiza Couto

Tratamento de imagem

M Gallego • Studio de Artes Gráficas

ISBN 978-85-438-0640-2



Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletrinhas.com.br](http://www.companhiadasletrinhas.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

[Prefácio](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[Caderno de fotos](#)

[Agradecimentos](#)

[Notas da autora](#)

[Sobre a autora](#)

[Sobre a ilustradora](#)

[Créditos](#)